UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE HISTÓRIA

PEDRO TORRES BORELI

Luz na História: ficção histórica e a Abolição da Escravidão no Brasil, uma proposta didática

UBERLÂNDIA

2026

PEDRO TORRES BORELI

Luz na História: ficção histórica e a Abolição da Escravidão no Brasil, uma proposta didática

Monografia apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura em História.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Flávia Cernic Ramos.

UBERLÂNDIA

2026

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

B731 Boreli, Pedro Torres, 2003-
2026 Luz na História [recurso eletrônico] : ficção histórica e a Abolição da Escravidão no Brasil, uma proposta didática / Pedro Torres Boreli. - 2026.

Orientadora: Ana Flávia Cernic Ramos.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Uberlândia, Graduação em História.
Modo de acesso: Internet.
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. História. I. Ramos, Ana Flávia Cernic,1978-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Graduação em História. III. Título.

CDU: 930

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

PEDRO TORRES BORELI

BANCA EXAMINADORA

Prof.ª. Dr.ª Ana Flávia Cernic Ramos (Orientadora)

Prof. Dr. Gustavo de Souza Oliveira

Dr. Lucas Henrique dos Reis

UBERLÂNDIA

2026

AGRADECIMENTOS

A escrita deste TCC foi um processo árduo que me gastou dois anos e por conta disso, eu gostaria de agradecer a minha psicóloga, Marcelia, por me manter são, na verdade gostaria de agradecer o conceito de terapia e psicologia como um todo, sem isso eu não teria escrito nem meu nome na capa, ou pior, não teria nem feito um documento nomeado "tcc parte 1 – rascunho". Também gostaria de agradecer meus pais, minha mãe, Isabel, por ouvir eu descrever este trabalho até quando ele estava em fases tão abstratas que não havia nem um esboço, e gostaria de agradecer meu pai, Alexandre, não só por me emprestar o carro para vim para UFU (ideia dele de agradecimento), mas por me forçar a fazer o que eu tenho de fazer, por mais chato que fosse essa insistência. Também gostaria de agradecer meu irmão mais novo, Gabriel, por que motivo? Eu não sei.

Também gostaria de agradecer todos meus amigos próximos no qual carrego desde meu ensino médio, vocês não sabem o quanto me ajudaram quando eu estava na pior. Gostaria de agradecer minha namorada, Mel, não sei o que o futuro nos guarda, mas você do meu lado nesses últimos meses foi o que me manteve de pé. Tenho que agradecer a Chronos EJ, a Empresa Júnior de História, que faço parte desde 2021, meu trabalho nela não só me fez ter contato com parte da história que nunca teria contato, mas me fez conhecer melhor colegas de meu curso no qual eu nunca conversaria com.

E por último, e mais importante, gostaria de agradecer a minha orientadora, a Prof.ª Dr.ª Ana Flávia, que aguentou ser minha orientadora mesmo comigo não entendendo as correções dos textos, escrevendo pura bobagem na maioria das vezes.

Resumo: Esta monografia discute o uso da ficção histórica como recurso didático nas aulas de História. Tomando como referência o papel consolidado da ficção científica no ensino de disciplinas como Matemática, Biologia e Física, o trabalho investiga o potencial da literatura ficcional tanto na divulgação científica quanto na educação histórica, analisando seus limites, potencialidades e estratégias. Partindo do tema da Abolição da Escravidão no Brasil (1888), a pesquisa apresenta como produto final a ficção histórica intitulada *Luz na História*. O livro é acompanhado por uma sequência didática direcionada a estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II, desenvolvida para articular debates centrais da historiografia da escravidão a uma narrativa literária, estimulando a leitura e promovendo dinâmicas lúdicas em sala de aula.

Palavras-chave: História; ficção histórica; escravidão; abolição; século XIX; Brasil; Ensino

Abstract: This dissesrtation discusses the use of historical fiction as a teaching resource in History classes. Taking as a reference the consolidated role of science fiction in teaching subjects such as Mathematics, Biology, and Physics, the work investigates the potential of fictional literature in both scientific dissemination and historical education, analyzing its limits, potential, and strategies. Starting from the theme of the Abolition of Slavery in Brazil (1888), the research presents as its final product the historical fiction entitled ***Luz na História***. The book is accompanied by a didactic sequence aimed at students from the 6th to the 9th grade of Elementary School II, developed for debates articulating the centers of the historiography of slavery to a literary narrative, stimulating reading and promoting playful dynamics in the classroom.

Keywords: History; historic fiction; slavery; abolition; 19th censtury; Brazil; Teaching

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 8
Capítulo 1 - A ficção histórica em sala de aula 11
Como usar a ficção histórica em sala de aula? 13
Capítulo 2 - Escrevendo uma ficção histórica sobre a Abolição no Brasil 25
O Brasil no ocaso da escravidão e o caminho da liberdade 30
Formato de narrativa 37
Conclusão 39
REFERÊNCIAS 41
Anexo – Ficção Histórica/Material Paradidático 45

INTRODUÇÃO

Este trabalho nasceu da vontade de unir dois interesses: o ensino de história e a escrita de ficção. Acreditando no potencial o uso da literatura em sala de aula, observando o interesse existente no público em geral sobre temas históricos nas produções culturais (filmes, séries, jogos, quadrinhos, biografias entre outros), este trabalho final de licenciatura se propôs a realizar um exercício de escrita de uma ficção histórica, acompanhado de uma sequência didática, para ser utilizada em sala de aula. Escolhendo o tema da Abolição no Brasil, ocorrida em 1888, a ideia do trabalho aqui proposto é refletir sobre os desafios não só de utilizar uma ficção histórica como ferramenta didática, mas escrever um material ficcional que possa ser usado em sala de aula.

Em minha trajetória, tudo se deve à uma observação simples, ou ainda a uma lembrança de meus tempos como aluno da educação básica. Na época eu tinha muito mais interesse pela história quando ela era apresentada a mim como ficção ou em outros formatos mais lúdicos, tais como jogos e filmes. O uso desse tipo de material sempre, a meu ver, tornou o estudo de história mais instigante. Conforme o trabalho final do TCC foi sendo produzido, esta afirmação foi sendo confirmada e desconfirmada de diferentes maneiras, mas seu sentido inicial se mostrou menos importante como um fato, mas sim como um desafio e uma introdução a diferentes metodologias de ensino e reflexões sobre a natureza da história. A ideia presente aqui neste trabalho tem como base a noção de que, ao utilizar um filme, seja ele sobre a Idade Média ou outro período histórico, o professor pode atrair mais a atenção de alunos, especialmente dos adolescentes. Ampliando as possibilidades de ensino, que vão além daquilo que é apresentado através dos materiais didáticos tradicionais. Incorporar romances, jogos e outras produções foi entendido sempre como uma estratégia para tornar as aulas mais atrativas e instigantes. Vendo a frequência com o a ficção científica vem sendo utilizada para debater e divulgar temas e questões das áreas da biologia, matemática, química e física, me lancei ao desafio de produzir uma ficção histórica. Leitor e consumidor de produtos culturais com temáticas históricas, decidi me aventurar por essa proposta.

Quando se tornou uma possibilidade real a submissão de uma ficção histórica como trabalho de conclusão do curso para a Licenciatura em história, as engrenagens da minha mente começaram a trabalhar e as possibilidades pareciam infinitas. Sempre escrevi como um hobby, se a escrita era de qualidade ou não, isto é questionável, mas sempre escrevi. Há contos escritos por mim quando criança que foram perdidos com o

tempo. Tenho manuscritos diversos para diferentes obras, centenas de páginas de ficçãojá foram escritas por mim. Portanto, houve uma chance de unir duas paixões, a história e a escrita ficcional.

Mas, para enfrentar esse desafio, foi necessário realizar tanto uma pesquisa sobre a produção de obras de ficção em si, investigando seu formato, os cuidados para atingir a finalidade didática, a escolha do público para o qual o material seria desenvolvido, quanto uma pesquisa sobre o tema escolhido, a Abolição no Brasil. Didática, esta é a palavra-chave para a direção na qual o trabalho foi realizado, pois, logo de início, se mirou no público adolescente, um público-alvo que abrange em sua maioria estudantes, alunos de Ensino Fundamental II e Médio. Ou seja, seria necessário que o texto tivesse três características: a) ser uma boa representação dos eventos históricos abordados na ficção; b) que também tivesse claro o seu propósito didático; c) que fosse atraente e instigasse o leitor adolescente.

A escolha do tema central da obra é, em grande parte, por conta desta razão didática. O período da Abolição da escravidão, as lutas dos escravizados pela liberdade e os movimentos reacionários dos escravocratas sempre foi um assunto no qual, apesar de sua relevância para a história do Brasil, nem sempre tem grande circulação entre os adolescentes, muitas vezes atraídos mais por temas como Idade Média e Segunda Guerra Mundial. Nomes e eventos importantes na luta pela abolição não são, muitas vezes, lembrados na cultura popular. Ao adicionar o público-alvo adolescente há a clara importância para a adição do ângulo didático. De acordo como a Base Nacional Comum Curricular, nos dois últimos anos do Ensino Fundamental o estudante está aprendendo sobre o Brasil Império, sobre a escravidão, sobre a abolição, sobre as questões raciais no Brasil e os desafios deixados pela herança escravista no país. Por conta disso, optei por contar uma ficção histórica abordando os processos, os sujeitos e as diferentes lutas pela liberdade ocorridas na última década da escravidão no Brasil. Para realizar esse exercício e propor uma sequência didática sobre este tema, criando um material que dialogasse com questões atuais da historiografia, pesquisei estudos recentes sobre o processo da Abolição no Brasil. Com esse material em mãos, pude me inspirar para contar sobre as aventuras da personagem Luz da obra Luz na História.

No primeiro capítulo se obterá as reflexões sobre a relação entre ficção e história e sua viabilidade no ensino. No segundo capítulo terá enfim a pesquisa específica sobre

o estudante que receberá o produto-final e a pesquisa feita para a realização deste mesmo produto. E ao fim, há o produto-final em si.

Capítulo 1 - A ficção histórica em sala de aula

A ficção histórica, por definição, é uma narrativa fictícia em um cenário histórico[1]. Portanto é fácil notar uma variedade de obras que se encaixam nessa categoria de uma forma ou outra. Desde a literatura aos videogames, há uma quantidade grande de histórias sobre o passado, produzidas com os caprichos da ficção. Entender o que é ficção é uma boa base para compreender a sua diferença com a história. Uma obra de ficção, seja ela baseada em uma história real ou não, tem como objetivo único e singular contar uma narrativa que seja intrigante e que prenda o interlocutor e o leve em uma jornada pela mídia em que ela faz parte. Portanto, detalhes que, para historiadores mais rígidos, sejam essenciais para a história a ser contada, podem ser ignorados em prol de ritmo, prosa e mensagem da narrativa. "Numa narrativa o conteúdo tem de estar devidamente organizado e coerente, sendo que a própria estrutura dada à sequência de eventos tem de ter um princípio, um meio e um fim"[2].

Exemplos de obras de ficção histórica são as franquia de filmes, livros e videogames *Indiana Jones* que, ao narrar as aventuras do homônimo protagonista, conta também histórias do século XX, desde a Segunda Guerra e suas campanhas no norte da África até as explorações espaciais da Guerra Fria. As histórias narradas nos filmes dessa franquia criada por George Lucas são fantasias, ainda que muito do seu conteúdo seja inspirado em questões da realidade. O primeiro longa-metragem, por exemplo, é de 1981 e conta a história da arca da aliança e o fato dela estar escondida em um templo egípcio. Para protegê-la, Indiana Jones tem que enfrentar hordas de nazistas para evitar que capturem esse artefato. No filme, podemos observar como a obra está localizada em um momento histórico diferente de sua produção. O arqueólogo que a história do filme segue não existe, mas o cenário histórico em que ele está situado na ficção existe. Nesse sentido, um professor de história ensinando sobre a Segunda Guerra, ao exibir o primeiro filme da franquia *Indiana Jones*, *Caçadores da Arca Perdida*[3], para uma turma de alunos no intuito de atrair a atenção dos estudantes, é algo completamente válido. Não para compreender a realidade histórica da Segunda Guerra, mas principalmente para ver como, nos anos de 1980, tal evento histórico estava sendo lembrado pelo filme, que elementos do passado,

[1] HERZ, S. K. Using Historical Fiction in the History Classroom. **Curriculum Units by Fellows of the Yale-New Haven Teachers Institute**, v. 1981, p. 1, 1981.
[2] REIS, Diana Catarina Couto. **A literatura de ficção histórica na construção do conhecimento histórico**. Braga: Universidade do Minho, 2013. p.13
[3] *OS CAÇADORES da arca perdida*. Dirigido por: Steven Spielberg. Estados Unidos: LucasFilm, 1981.

que visões sobre a Guerra eram então recuperados pela franquia. O professor, em sala, pode questionar com os alunos por que a questão do roubo de objetos históricos surge como um tema dos filmes, ou que elementos do cenário e do contexto os faz lembrar do período da Segunda Guerra. Quando se usa a ficção histórica em sala de aula, pode-se debater e orientar sobre o que é fato[4] e sobre o que é ficção na narrativa e, por consequência, movimentar uma discussão sobre a obra e o contexto histórico em que ela foi feita.

Por muito tempo a narrativa ficcional era vista como inferior, ou uma obra sem valor intrínseco. Segundo Luiz Costa Lima,

> [...] "a aparência era uma expressão da substância e não possuía qualquer liberdade nem comparação com esta". Por isso, a estabilidade sociopolítica e a epistemológica concordavam. Por isso, ademais, o termo "ficção" não só era fundamentalmente entendido como ilusão ou mentira, mas também não estava investido de nenhuma dignidade filosófica.[5]

Essa citação se refere a percepção à ficção contanto os períodos pré-modernos. A ficção não era apenas mentira, mas também era algo sem valor. Sua prerrogativa ao entretenimento fazia até fosse malvista entre círculos acadêmicos apesar de seu conteúdo. Uma obra acadêmica que envolvesse um cenário fictício era relegada à não-ficção e eram tidos como tratados filosóficos. E uma obra de ficção histórica não era diferente das outras obras que, ao retratarem um cenário do passado, utilizando-se dos artifícios de sua mídia, desde um simples ritmo narrativo a descrições coloridas de uma personagem, a literatura já tinha a capacidade de alterar, ou trazer novas leituras e perspectivas, sob a ótica da produção artística, sobre os acontecimentos da história. A adição de personagens inexistentes com o simples mérito de simbolismo, como ocorre no filme *A Lista de Schindler*[6], servem como uma ferramenta para a transmissão de mensagens contemporâneas à sua produção sobre o passado. A adição simbólica é justificada pelas finalidades artísticas e estéticas da obra, mas servem também para observar como esse passado está sendo lembrado décadas depois dos acontecimentos narrados na trama. Ou seja, a ficção tem a liberdade de inventar, já que se difere da prática historiográfica. Mas ainda assim pode servir para, em sala de aula, refletir sobre os usos do passado.

---

[4] Quando se referindo a fato, na realidade se infere ao consenso historiográfico dos eventos, não o fato em si, tendo noção de que não há como a história realmente apontar fatos sem um viés inerente do historiador. O uso do termo é por uma questão de fluidez de texto.

[5] LIMA, Luiz Costa. Ficção externa e a historiografia. *In*: MALERBA, Jurandir (Org.). **História e Narrativa: A Ciência e Arte da Narrativa Histórica**. Petrópolis: Vozes, 2016. P. 78

[6] SPIELBERG, Steven. **A Lista de Schindler**. Estados Unidos da América: Universal Pictures, 1994.

Na ficção, apesar dos eventos históricos citados poderem ser completamente deslocados da realidade, ela ainda tem em si qualidades próprias que tornam esse tipo de narrativa adequada para uma forma de melhor entendimento de certas questões humanas. Os contos religiosos e outras peças educativas, por exemplo, muitas vezes foram usados com a função de facilitar o entendimento da condição humana e de ensinar uma lição aos seus interlocutores, transmitindo mensagens específicas, historicamente datadas sobre o mundo. A ficção histórica não só é um gênero literário, mas também pode ser vista como um modo de olhar e interpretar o mundo a partir de um determinado ponto de vista. Um romance busca, entre outras coisas, envolver o leitor em sua narrativa puramente fictícia, mas que tenta ser verossímil, na busca de parecer realidade. Ao ficcionalizar a vida, a história, o autor, a partir de seu ponto de vista, de seu tempo, tenta atribuir um sentido ao mundo, recortando-o, reinterpretando-o. Ou seja, ainda que com outras finalidades, as narrativas de ficção histórica servem para fazer refletir sobre o passado e seus usos.

Como usar a ficção histórica em sala de aula?

Assim, se a resposta do uso da ficção nas aulas de história pode parecer, em primeira instância, simples, ela requer, por outro lado, cuidados. Um deles é não tomar a ficção histórica como espelho, reflexo direto do passado, ou confundi-la com um estudo historiográfico. Como dito anteriormente, as características e regras da literatura e da ficção seguem outros caminhos das produções historiográficas. Contudo, esse tipo de material pode ser bastante interessante nos debates em sala de aula sobre o passado. Narrar a história como fazem os romances históricos ou produtos de mídia como filmes, séries e jogos, pode se tornar muito atraente para os alunos e abrir caminhos para os debates sobre história. Nesse sentido, o importante, então, é ter duas coisas como alvo: a) sua história deve ser boa, assim como qualquer outra ficção; b) a narrativa deve ter alguns cuidados históricos e pedagógicos, se ela for produzida com essa finalidade.

Assim sendo, ao produzir uma narrativa histórica voltada para o ensino de história devemos garantir que seja feita uma cuidadosa pesquisa sobre o tema que será abordado. Se o romance se passar no século XV, por exemplo, que haja um esforço de garantir que: ele passe por temas e questões previstas em currículo escolar sobre o tema; que ele tente garantir o máximo de verossimilhança com fatos do passado, para que o debate esteja amparado por cuidados históricos mínimos. Contudo, é sempre importante frisar para os alunos que se trata de uma narrativa ficcionalizada, inventada, inspirada no real, com a finalidade mais de trazer à tona o debate sobre temas escolhidos do que reproduzir o

passado tal qual ele aconteceu. Existe a máxima da escrita "escreva o que você sabe"[7], essa frase não significa que o autor deve se isolar em apenas as suas experiências e seu conhecimento prévio ao escrever uma obra, mas sim que durante a escrita, o que está sendo posto no papel tem um fundamento sólido na realidade de quaisquer que forem os temas abordados no texto. Algo que exige pesquisa. Portanto, quando envolve o trabalho de pesquisa de uma obra de ficção histórica, a pesquisa em fontes e artigos de historiadores especializados no período em que está trabalhando é essencial.

Pensar num material paradidático, no formato de uma ficção histórica, prevê assim que sejam feitas pesquisas em trabalhos desenvolvidos por historiadores da área. Isso é fundamental para que o produto final esteja amparado em questões pertinentes ao estudo da história. O desafio é fazer isso numa linguagem acessível ao aluno e colocada em uma narrativa envolvente, instigante, que desperte a curiosidade. É possível, com criatividade, produzir uma narrativa sobre a história de qualquer objeto ou tema de forma a prender a audiência não só com o enredo, mas também com a história.

A estratégia de usar a ficção como material com finalidades pedagógicas e de divulgação científica não é uma novidade. Outras áreas têm usado muito esse recurso. A ficção científica, por exemplo, desde sua origem, tem como sua principal característica a intenção não só de interpretar e dar uma resposta aos avanços tecnológicos e às novas descobertas das ciências naturais, como também divulgar entre o grande público tais novidade. Vejamos, por exemplo, a obra *20.000 Léguas Submarinas*, de Jules Verne[8]. Escrita originalmente em 1870, ela foi uma das primeiras obras do gênero da ficção científica e funcionou, entre outras coisas, quase como uma vitrine para os avanços e as descobertas científicas no momento de sua escrita. Nela era possível encontrar o submarino tendo uma fonte de energia infinita com a eletricidade, além de explorar uma das hipóteses presentes sobre a aparência da Antártica. O texto de Verne, entretanto, deve ter o seu uso educativo partindo de alguns cuidados. Isso porque o romance não é espelho do real, é uma ficção. Ou seja, o que deve ser enfatizado nele, se ele for utilizado em sala de aula, é a forma como aquele escritor, Júlio Verne, em 1870, estava entendendo o papel da tecnologia no mundo em que vivia. Podemos observar no romance vestígios do real, na medida em que ele tenta dar sentidos à ciência e seus usos na época. Ou seja, a obra

[7] Frase atribuída à Mark Twain no seu original em inglês, mas não há confirmação sobre sua origem de forma concreta.
[8] VERNE, Jules. **20.000 Léguas Submarinas**. Cotia: Pé Da Letra, 2018. 295 p.

em si é fonte do historiador, a literatura não deixa de ser um testemunho histórico. Com narrativa envolvente, um sucesso editorial, o romance de Júlio Verne nos ensina também o quanto esse tipo de obra inspira o interesse por ciência. Basta lembrar o quanto esse gênero de ficção incentivou pessoas a se tornarem cientistas e almejarem trabalhar em institutos científicos, tais como a NASA, por causa de seriados como[9] *Jornada Nas Estrelas*[10]. Ciências como a Física, a Matemática, Astronomia e a Biologia tem se inspirado nisso para usar a ficção como meio de ensino e divulgação científica.

Na produção de uma ficção histórica para uso em sala de aula é proveitoso encarar a história como fizeram as outras áreas ao criarem narrativas de ficção científica, ou seja, como encara qualquer que seja a ciência natural que esteja explorando. Muitas vezes os dois gêneros se trombam, com exemplos mais famosos em obras sobre viagem no tempo, por exemplo. Nesse tipo de história geralmente convertem questões que versam sobre ciências naturais, como a física e a história. Então, caso se apresente com um medo de criar um protagonista da história que não se encaixe no período histórico, esse protagonista pode ser de outro período, seja um futuro distante ou o presente em que se escreve. Isso pode ser uma boa pedida para a identificação do leitor contemporâneo ao cenário. Uma obra que explora esse conceito é o livro *Novembro de 63*[11], de Stephen King, no qual um homem volta para a cidade de Dallas, Texas, no mês do assassinato do presidente dos Estados Unidos John F. Kennedy. Na história, o protagonista tenta impedir que o atentado contra o presidente aconteça. Ao desenhar esse objetivo para a personagem, King pôde preparar um conflito claro para que o leitor, para que ele fosse absorvido na narrativa e refletisse sobre os eventos, suas motivações, consequências, sobre os sentidos políticos criados sobre o fato. Além disso, a história encaminha uma série de discussões filosóficas sobre como a passagem do tempo acontece. Além de interdisciplinar, a obra pode incentivar muitas discussões sobre a "volta ao passado", ao "se tivesse acontecido assim", etc. Algo que, para um público-alvo mais leigo, pode despertar o interesse por essas discussões, gerando empatia e proximidade com um protagonista de seu próprio tempo e que possa ser utilizado como espelho para o leitor. A

[9] GALASTRI, Luciana. Conheça a Enterprise da Nasa: Sim, a agência espacial tem um projeto com esse nome. E, sim, cientistas querem que ela alcance a velocidade de dobra. *In*: **Revista Galileu**. São Paulo: Globo, 2014. Disponível em: https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Espaco/noticia/2014/06/conheca-enterprise-da-nasa.html. Acesso em: 10 jun. 2025.
[10] JORNADA Nas Estrelas. Produção: Gene Roddenberry. Roteiro: Gene Roddenberry. Estados Unidos: NBC, 1968. Disponível em: https://www.netflix.com/search?q=jorn&jbv=70136140. Acesso em: 10 jun. 2025.
[11] KING, Stephen. **Novembro de 63**. São Paulo: Suma, 2013. 728 p. ISBN 978-8581051901.

forma como a história é conduzida leva o leitor a também se sentir se deslocando para o tempo em que a narrativa se passa.

A ideia de ficção histórica simplesmente ambientada no passado, segundo Joan W. Blos, pode se caracterizar em três tipos diferentes: memórias ficcionalizadas, história familiar ficcionalizada e ficção baseada em pesquisas.[12]Portanto, o que compõe a ideia de uma ficção histórica não está limitada à apenas o fantástico e claramente fictício interagindo com história, mas qualquer forma de narrativa de eventos históricos que use quaisquer elementos fictícios, não só se enquadram como ficção histórica, mas em um dos três tipos descritos por Blos.

O tipo mais comum, contudo, é o terceiro, uma "história baseada em pesquisas", na qual o escritor não viveu a situação narrada, nem muito menos tem alguma forma de conexão à história. A pesquisa aqui assume um papel fundamental, pois a máxima de "escrever o que sabe" voltar à ativa ainda mais quando se escreve uma obra de ficção sobre um evento que aconteceu sem a direta participação do escritor, e essa indagação deve ser ainda mais profunda conforme a distância do autor para os eventos nos quais ele descreve. Além disso, a preocupação na produção desse tipo de material passa também pela questão do conteúdo didático, pedagógico, previsto para o público escolhido, ou seja, a quem a ficção histórica se destina. No caso da presente proposta, que prevê a criação de uma narrativa de ficção histórica sobre a Abolição no Brasil, em 1888, há uma série de cuidados a serem tomados, visando um conteúdo que passe pelas questões centrais do tema. De que perspectiva se quer contar essa história? O que a historiografia mais recente tem dito sobre os protagonistas das lutas contra a escravidão no Brasil? Quais serão as questões centrais no desenvolvimento da narrativa e com que objetivos?

Agora o leitor pode se perguntar: por que se dar todo o trabalho de criar uma obra de ficção em um cenário histórico, tendo em vista todas essas limitações? Porque uma obra de ficção histórica pode ser um espaço para o aprendizado de indivíduos, entre outras coisas, pelo mérito de ser uma narrativa escrita para visando o envolvimento do leitor, a empatia com seus personagens, em certa medida a diversão e o entretenimento. "À medida que o leitor se envolve com os personagens e o enredo, ele começa a absorver os

[12] "Further complicating this idea of historical fiction simply being set in the past, Joan W. Blos described three different types of historical fiction: fictionalized memoir, fictionalized family history, and fiction based on research" MCMAHON, Annie Whitlock; BRUGAR, Kristy A. Historical Fiction and its Commonplace in Classrooms. **The History Teacher**, Notre Dame, v. 56, n. 1, p. 80, Novembro 2022. (tradução livre)

dados históricos e começa a reconhecer as muitas qualidades humanas do personagem."[13] Conforme a trama se desenrola, melhor o interlocutor recebe e mais ele se interessa.

Há claro a motivação inerente de facilitar a adaptação do interlocutor ao cenário na qual a história se passa, logo, utilizando-se de imagens, produção historiográfica e das memórias coletivas que se tem sobre um determinado período no passado para criar uma história original, que visa pôr em debate temas referentes ao evento histórico escolhido. Porém, apesar de necessitar de uma pesquisa historiográfica, estando aberto até para o envolvimento de figuras históricas ou da narração de grandes eventos, não se pode chamar esse tipo de obra de ficção histórica. Essas obras têm o seu valor no ensino de história de certa forma, podem ser uma boa ferramenta para debater questões do cotidiano no período descrito. O romance *O Sol É Para Todos*[14], por exemplo, de Harper Lee, narra uma história completamente ficcional, mas utiliza-se de seu cenário histórico como uma maneira de apresentar os riscos e o que está em jogo para as personagens, quando um advogado, defendendo um homem negro no sul dos Estados Unidos durante o período das leis de Jim Crow, demonstra as dificuldades e os preconceitos daquele período. Embora seja uma ficção, o romance pauta questões caras à sociedade americana e os desafios de enfrentamento ao racismo, seja no presente ou no passado. O romance certamente se mostra interessante para pensar como uma autora, mulher, branca, interpretou e representou a temática em uma obra publicada em 1960, quando a luta pelos direitos civis dos negros estava em plena ebulição naquele país. Portanto, há o sim um valor além do literário para uma obra que se utiliza apenas do cenário histórico em sua construção, mas não podem ser consideradas obras de ficção histórica, já que esta passa por características específicas.

Então no caso de adaptar uma história real para uma obra de ficção histórica, o motivo é essencial, pois a versão ficcionalizada desses eventos vai estar na memória das pessoas que a lerem. William Wallace provavelmente é mais lembrado pelo personagem interpretado por Mel Gibson no filme *Coração Valente*[15] do que como figura histórica, principalmente fora da Escócia. E isso é importante de se ressaltar, pois quando se prepara uma versão ficcionalizada de uma personagem que existiu na realidade é necessário

[13] "As the reader becomes involved with the characters and story line, he begins to absorb the historical data and begins to recognize the many human qualities of the character."(Herz, 1981, p. 2) (tradução Livre)
[14] LEE, Harper. **O Sol É Para Todos**. Tradução: Beatriz Horta. 45. ed. Rio De Janeiro: José Olympio, 2021. 349 p. ISBN 978-85-03-00949-2
[15] CORAÇÃO Valente. Dirigido por: Mel Gibson. Estados Unidos: Paramount, 1995

entender que essa versão "falsa" da personagem pode ser mais lembrada pela audiência da obra. Tem de se lembrar que não há como saber como que era William Wallace de fato, mas se têm evidências históricas, múltiplos artigos e trabalhos historiográficos sobre a vida desta figura histórica escocesa que se pode usar como uma das referências em sua representação. Ressalta-se, contudo, que o efeito de "verdade" é apenas um "efeito". Já que a obra nunca é um espelho do real, do passado, mas uma interpretação, historicamente datada, construída sobre ele. Ainda assim esse tipo de material sempre será interessante para fomentar debates sobre passado, memória, ficção, realidade, na sala de aula.

"Como se situa no reino da ficção, aparentemente permite que uma história com mais nuance aconteça."[16] Ou seja, uma história com temas diversos permite que o leitor aproveite a história e compreenda os eventos de forma muito mais profunda do que uma mera leitura seca de uma enciclopédia. Uma narrativa fictícia quando bem escrita é capaz de induzir o leitor a um estado de imersão que faz com que um leitor ele reflita sobre aquele mundo descrito, sobre os temas que o remetem, de alguma forma, à realidade. Com doses de entretenimento, curiosidade e empatia pela narrativa, o leitor é incentivado a pensar nos temas que são pautados na história

"A "passagem", a ponte entre presente e passado que a ficção história virtualmente produz, não tem por alicerces os protocolos intersubjetivos de validação que conferem legitimidade ao saber historiográfico."[17] Enquanto o historiador nunca busca tornar uma mentira realidade, apenas escrevendo sobre o que considera ser uma versão do que os fatos apresentam, enquanto um escritor de ficção, pura ficção tem como proficiência tornar a mentira em realidade, e a ficção histórica tende a se balançar nessa fina e delicada linha em que se manter fiel à história e à ficção é um ato que pede uma delicadeza de um nível absurdo.

Então, de um certo ponto de vista, é bastante necessária para com que o ensino de história seja reforçado, que haja um aumento de produção de boas ficções históricas., desde que seu uso seja criterioso e que incentive a reflexão, o debate sobre os temas propostos e não busque somente um reflexo do real. Essa não é a função da ficção

[16] "As it sits in the realm of fiction, it seemingly allows for a more nuanced story to take place." MALONEY, Kayleigh. **Relevant History**: Using Historical Fiction to Make History Engaging. Orientador: Jennifer Carlson. 2022. 54 p. Tese de Mestrado (MAT) - Mestranda, Saint Paul, Minnesota, 2022. Disponível em: https://digitalcommons.hamline.edu/hse_cp/788/. Acesso em: 11 jun. 2025. (p. 11) (tradução livre)

[17] CHARBEL, Felipe. O historiador face à ficção. In: MEDEIROS, Bruno Franco et al. **Teoria e historiografia: debates contemporâneos.** Jundiaí: Paco Editorial, 2015, p. 31.

histórica. A verossimilhança proposta em sua narrativa busca apenas envolver o leitor, levá-lo a exercícios de reflexão e empatia. Muitas ficções históricas são usadas como uma ferramenta de ensino de história por professores, filmes como *Coração Valente*, *Corações de Ferro*[18], livros como *Nada de Novo no Front*, *O Sol É Para Todos*[19] são recorrentes em sala de aula. Uma ferramenta de inestimável valor no ensino de um estudante. Mas quão importante é para o ensino? E quais os cuidados a serem tomados?

Em uma aula às vezes há a tentação de conquistar quase que por completo o foco de todos os alunos. Pois sejam por *n* motivos, há uma chance não zero de que haja uma criação de focos de desatenção ao redor das aulas, e isso pode retirar a capacidade de ensino com a turma. Logo, tentando chamar a atenção dos alunos, há, por parte dos professores, o uso de recursos audiovisuais que visam a manutenção do foco da turma. Nesse recorte é onde mais poderemos ver, por razão empírica, o maior uso da ficção histórica no ensino. Filmes e outras obras audiovisuais são usadas constantemente por professores no intento de passar algo que tenha como ambição o entretenimento para que os seus estudantes já tenham uma noção prévia sobre o assunto a ser ensinado em aula, ou ainda que promovam a discussão sobre temas que aparecem nas histórias e narrativas levadas aos alunos através da ficção.

Em um cenário hipotético, um professor está ensinando sobre a Segunda Guerra Mundial e quer falar sobre questões que envolvam o Brasil e outros temas pertinentes do conflito. Nesse caso, o professor pode muito bem exibir o filme *O Resgate do Soldado Ryan*[20] para a turma como uma das estratégias pedagógicas para tratar do assunto. Isso porque o filme certamente traz à tona certo imaginário e interpretações contemporâneas da guerra. Como o conflito é lembrado? Que questões estão em destaque no filme? Como o filme, lançado em 1999, olha para passado e que sentidos dá para a guerra, para o cotidiano dos soldados, para a violência, para as disputas entre as nações? O uso do filme se soma, claro, a outros materiais, como livros didáticos, aulas expositivas sobre o tema. Mas certamente o filme tem um potencial grande para envolver os alunos na discussão.

---

[18] CORAÇÕES de Ferro. Direção: David Ayer. Roteiro: David Ayer. Estados Unidos: Columbia Pictures, 2014. Disponível em: https://www.primevideo.com/-/pt/detail/Cora%C3%A7%C3%B5es-De-Ferro/0PZ21G2T204NLPJC4099VUHSFT. Acesso em: 11 jun. 2025.

[19] Apesar de não se adequar como um romance histórico tradicional, a obra é semibiográfica e é um bom retrato de um período na história dos Estados Unidos.

[20] O RESGATE do Soldado Ryan. Direção: Steven Spielberg. Roteiro: Robert Rodat. Estados Unidos: Paramount Pictures, 1998. Disponível em: https://www.paramountplus.com/br/movies/video/cA6RHYSln7H018wfcs_dtX0iOKatacNr/. Acesso em: 11 jun. 2025.

Um professor de física também pode usar de um filme de ficção científica para ensinar seus alunos, mas ele não pensa que está educando-os por meio da ficção, mas sim que está apenas motivando o próprio ensino e interesse, mas querendo ou não, uma pessoa ao assistir *Interestelar*[21], pode ter tido sua primeira exposição ao conceito de relatividade geral. Logo, mesmo que o professor entenda que o uso do filme o ajude apenas para motivar os alunos sobre temas relativos ao espaço, de alguma forma ele também pode aprender outras coisas com a ficção.

> Cabe ao professor estimular os alunos para desenvolver competências históricas, relacionadas com conceitos de segunda ordem, como o da narrativa, evidências histórica, da temporalidade e mudança, da explicação histórica, da causalidade e empatia histórica, essenciais para a aprendizagem de História.[22]

Logo, é possível fazer um argumento em prol do uso da ficção no ensino de diferentes áreas do saber. Ela abre um leque de possibilidades pedagógicas junto aos alunos. Vale lembrar que a única disciplina em que o uso de ficção é quase que indispensável seriam as de línguas, como literatura e língua portuguesa, onde textos e obras literárias de diferentes gêneros e formatos são usados para ensinar as diferente inflexões e formas em que o idioma se comporta em diferentes ocasiões. Portanto, quando se fala sobre a ficção em um ambiente escolar, ou até mesmo acadêmico, muito se pensa na literatura, no estudo sobre a qualidade textual, sobre arcos de personagem e construções de narrativas, mas como já foi discutido anteriormente, a história não está tão distante. Como falamos, para além desses usos tradicionais, há outras possibilidades quando falamos de produtos ficcionais em história.

A ficção, mesmo com intenção de ser "histórica", pode muito bem negar e alterar os eventos de maneira a fazer uma boa e intrigante narrativa. Mas ainda que faça isso, ela, como um produto de seu tempo, como uma narrativa que mobiliza eventos e temas históricos, pode ser usada em sala de aula com fins pedagógicos, incitando o debate na sala de aula.

Sendo claro, o uso da ficção científica no ensino das ciências naturais, esse hipotético que tem sido usado como argumento nos últimos momentos do texto realmente é usado. "Nesse sentido é possível que como recurso didático, a literatura de ficção científica relacione os fatos estudados pela ciência, utilizando o imaginário como

---

[21] INTERESTELAR. Direção: Christopher Nolan. Roteiro: Robert Rodat. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2014. Disponível em: https://www.primevideo.com/-/pt/detail/Interestelar/0PUNMGZEWOMYFKR1XIGOLTL2YM. Acesso em: 11 jun. 2025.
[22] REIS, 2013, p.10-11

processo de construção do pensamento científico."[23] Essa citação vem da conclusão de um estudo em que se usou contos de Isaac Azimov no ensino das ciências naturais, principalmente de física. A pesquisa comprovou que, ao mesclar a literatura de ficção científica com um acompanhamento feito por professores, o grupo de estudantes melhor apreenderam o que lhes era ensinado, como também compreenderam mais rapidamente e com mais detalhes temas do conteúdo proposto, além de ficarem mais ativos na classe quando se tratava da matéria que o professor estava a ensinar:

> Portanto acreditamos que é possível, necessário e viável articular obras de literatura na sala de aula para facilitar o trabalho do professor a ministrar sua disciplina, atraindo os alunos aos conteúdos. Não somente nas aulas de português que essa articulação deve ser feita, mas em todas as disciplinas, e não somente com a literatura de ficção científica, mas com toda abrangência que a leitura nos proporciona.[24]

Estudiosos argumentam que a literatura deve ser parte essencial do ensino de quaisquer que sejam as disciplinas em que o professor seja incumbido a ensinar. Eles entendem que seu uso seja bom para todas as disciplinas, porém, algumas disciplinas de exatas, como a matemática, sofrem da falta de repertório, tendo apenas curtas-metragens animados como *Donald no País da Matemágica*[25] e algumas pequenas histórias em quadrinho para crianças no processo de alfabetização. Tal situação, felizmente, não é o caso para a disciplina de história. "Em suma, a utilização de obras ficcionais no Ensino de História mostrou uma mais-valia, proporcionando aos alunos um processo de ensino-aprendizagem mais enriquecedor."[26]

Não limitando apenas à literatura, claro, aqui já foi escrito diversas vezes, o uso de formatos diversos deve ser encarado como algo positivo. Já que nem sempre há a possibilidade de entregar um livro de cem páginas nas mãos de uma turma de alunos em sua pré-adolescência, e conseguir, com isso, que eles tenham uma leitura compreensiva, muitas vezes apresentar curtas e longas-metragens, episódios de series de televisão,

---

[23] SOUZA, Rosana Marques de e GOMES, Emerson Ferreira e PIASSI, Luís Paulo de Carvalho. O robô de Júpiter: o ensino de ciências mediado pela ficção científica. **Ensino, Saúde e Ambiente**, v. 5, n. 2, p. 13-24, 2012.

[24] Souza,2012, p.11

[25] *DONALD no País da Matemágica*. Direção: Hamilton Luske; Wolfgang Reitherman; Les Clark; Joshua Meador. Roteiro: Robert Rodat. Estados Unidos: Walt Disney Producitons, 1959. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nJ8qFLq3eNU. Acesso em: 11 jun. 2025.

[26] SOLÉ, G.; REIS, D.; MACHADO, A. Potencialidades didáticas da literatura infantil de ficção histórica no ensino de história: um estudo com alunos portugueses do 6º ano do Ensino Básico. **História & Ensino**, *[S. l.]*, v. 20, n. 1, p.25, 2014. DOI: 10.5433/2238-3018.2014v20n1p7. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/19068.

pequenos esquetes humorísticos, letras de música, e até mesmo gravações de *gameplay*[27] de videogames ou até mesmo histórias e narrativas ficcionais curtas podem surtir um efeito positivo. Esse trabalho insiste na literatura, na ficção histórica, porque esse seria um modo também de, além de debater história, consistiria num meio de incentivá-los à leitura, por um maior apelo tanto intelectual quanto pela razão interdisciplinar, sempre melhor procurar por uma forma de incitá-los a partir da literatura.

Então, eis a questão: Como incluir a literatura ao ensino de história?

> O professor de história pode elaborar inúmeras estratégias e técnicas para separar os fatos da ficção. As pistas históricas podem ser identificadas pelos alunos que veem a história dos livros didáticos ganhar vida na ficção histórica. Os alunos podem se tornar especialistas ou "detalhistas" sobre o uso de dados históricos pelo escritor, e o exercício pode ser estimulante para a discussão em sala de aula. Fontes de referência para verificar a exatidão dos dados históricos incluem enciclopédias, almanaques, dicionários biográficos, dicionários de história, histórias locais e nacionais sérias e inúmeras outras fontes prontamente disponíveis. Os alunos podem consultar bibliotecas escolares e municipais, bem como sociedades históricas locais e a biblioteca estadual. Materiais de fonte primária estão frequentemente disponíveis localmente em registros eclesiásticos, escrituras, testamentos, registros de inventário em prefeituras, cemitérios locais, listas de impostos locais, censo federal, registros de reuniões municipais, mapas antigos, cartas e diários, sermões, registros industriais, jornais locais e anciãos que residiram em uma comunidade por um longo tempo.[28]

Sarah K. Herz, em seu artigo de 1981, introduz uma série de regras e faz uma espécie de guia para professores usarem a ficção histórica em suas salas de aula. Herz em seu texto usou de argumentos parecidos com os que aqui foram apontados. Logo a maioria das regras de Sarah K. Herz serão replicadas, mas com adendos, e o primeiro adendo sendo o que não são regras, mas sim sugestões.

Então se encontra um problema, de todas as maneiras, quais seriam as preferíveis? Fazer com que os alunos se tornem detetives da “verdade”, desvendando as evidências do que é certo e o que é errado na narrativa da ficção histórica? Ou lecionar lentamente junto para os estudantes o que o texto fala sobre tal evento? Ou seria o ideal o professor

---

[27] Um vídeo com uma gravação do jogo em funcionamento

[28] The history teacher can devise numerous strategies and techniques for sifting the fact and the fiction. The historical clues may be picked out by students who see textbook history spring to life in historical fiction. Students can become experts or “nitpickers” about the writer’s use of historical data and the exercise can be stimulating for class discussion. Reference sources for checking the accuracy of historical data include encyclopedias, almanacs, biographical dictionaries, dictionaries of history, serious local and national histories, and numerous other readily available sources. Students may check school and town libraries as well as local historical societies and the state library. Primary source materials are often available locally in church records, deeds, wills, probate records in town halls, local cemeteries, local tax lists, federal census, town meeting records, old maps, letters and diaries, sermons, industrial records, local newspapers and elders who have resided in a community for a long time. (Herz, 1981, p. 6) (tradução livre)

mesmo apontar os erros da obra? Não há uma opção necessariamente correta, é dependente da forma em que a obra é utilizada e o que o professor quer ensinar ao aluno, mas quando se aplica uma obra de ficção histórica ao ensino, é conveniente que seja bem aplicado, pois assim terá as boas consequências do consumo destas obras.

> À medida que os professores de história utilizam mais ficção histórica em sala de aula, os alunos desenvolverão a capacidade de reconhecer e analisar boas e fracas obras de ficção histórica. Mais importante, a história se tornará uma disciplina sobre lugares reais e pessoas reais enfrentando problemas reais, e não apenas uma lista de datas e lugares circulados em um mapa no quadro de avisos.[29]

O ensino de história pode acabar se tornando uma jornada enciclopédica de datas e nomes. Quando personagens históricos se tornam personagens de fato, há um maior apego com eles de maneiras em que um simples nome e um retrato não gera. Mesmo se a ficção não envolve as grandes figuras históricas, o simples apego à época faria com que a audiência abrace e se sinta mais envolvido na história. A história é uma disciplina que por muito há uma separação temporal entre os alunos e os eventos explicados, o que torna a assimilação algo complexo, diferente de outras disciplinas em que afetam diretamente o mundo contemporâneo. Muitas vezes o aluno não tem interesse na aula de história pois se sente alienado, distante do mundo sobre o qual se fala. Se sente, assim, indiferente ao que é ensinado e não vê importância para este aprendizado. Neste cenário, a ficção pode muito bem anular este sentimento, criando empatia pelos personagens e eventos, como despertando a curiosidade sobre temas e problemas da história.

Mas não se pode simplesmente escolher qualquer obra que possa ser interpretada como ficção histórica para ser utilizada. Há obras que propositalmente distorcem a história para a criação de um cenário fantástico, ou são obras com uma pesquisa de baixo nível de qualidade. Por conta disso o professor tem que se tornar familiar com a obra que for utilizada em sala de aula. "Antes de discutir ou escrever sobre um romance histórico atribuído, é importante que o professor e os alunos considerem algumas diretrizes para avaliar a precisão histórica do romance."[30] Diretrizes como: cenário, personagem, enredo

[29] As history teachers use more historical fiction in the classroom students will develop the ability to recognize and analyze good and weak historical fiction. More important, history will become a subject about real places and real people facing real problems, not just a list of dates and places circled on a map on the bulletin board. (HERZ, 1981, p.6) (Tradução livre)

[30] "Before discussing or writing about an assigned historical novel, it is important for teacher and students to consider some guidelines to evaluate the novel's historical accuracy." (Herz, 1981, p.6) (tradução livre)

e tema[31]. Após esta avaliação, então seria tomada a decisão do uso da obra e da forma em que será aplicada em sala de aula.

Sarah K. Herz recomenda, por fim, a transformação dos alunos em "detetives históricos"[32]. Mas novamente reitera não é necessário, às vezes a obra de ficção tem o trabalho apenas de contextualizar o que está sendo ensinado no dia e por conta disto não é de necessário aprofundamento. Porém, é uma tática valida, pois o próprio professor, ao realizar o diagnóstico da obra, pratica uma espécie de "função forense", detetivesca, de decifrar o que o texto quer dizer, entender seus subtextos e pretensões. Ao replicar este comportamento para os estudantes, eles estariam mais bem adequados no senso crítico, além de se aproximarem mais da história. O estudante trabalhando com um árbitro da "verdade" sobre esta ficção, aprendendo não somente apenas sobre anacronismos e/ou erros factuais, como datas e nomes, como também estaria desenvolvendo seu senso crítico, na qual ele teria a capacidade de entender qual seria o ponto de vista na qual a obra foi realizada e qual a mensagem que a obra busca transmitir com a história contada.

[31] HERZ, 1981, p.6
[32] HERZ, 1981, p.10

Capítulo 2 - Escrevendo uma ficção histórica sobre a Abolição no Brasil

No momento de escrever uma obra de literatura é bom ter uma noção de para quem a história está sendo escrita. O público-alvo, pensando que essa obra não será apenas uma boa história, mas sim um texto educativo para estudantes no ensino fundamental. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)[33], os temas relativos ao tráfico de escravizados e a história da escravidão em solo brasileiro é discutido a partir do sétimo ano do ensino fundamental, quando o currículo prevê o ensino sobre história da América Portuguesa. Nos dois anos letivos seguintes tais temas se tornam parte regular dos currículos quando se trata de história do Brasil. O objetivo deste trabalho de conclusão de curso é produzir uma narrativa ficcional sobre tais temas, que possa ser lida por adolescentes e pré-adolescentes, entre 12 e 15 anos de idade, com o fim didático de debater e ensinar questões relativas a capítulos da história da escravidão em nosso país, em especial a Abolição, ocorrida em 13 de maio de 1888. Segundo os currículos vigentes, no oitavo ano nas aulas de história tem-se como objetivos estudar "O escravismo no Brasil do século XIX: plantations e revoltas de escravizados, abolicionismo e políticas migratórias no Brasil Imperial"[34].

Portanto, a ideia do presente trabalho é escrever uma história sobre tais temas, ou ainda uma ficção histórica, com fins paradidáticos, cujo enfoque seja esta faixa-etária que, de acordo com um levantamento realizado pela Unicef[35], é por volta dos 13 anos[36], o que também é o ideal para o ano escolar. Na pesquisa feita pela Unicef, apontou-se que há uma distorção de idade, sendo que, apesar da maioria estar na idade adequada, há uma quantidade significativa de estudantes que se apresentam fora dessa faixa etária por diversos motivos. "A distorção idade-série se intensifica nos anos finais do ensino fundamental – do 6º ao 9º ano. São 3,1 milhões de meninas e meninos com dois ou mais anos de atraso escolar. Eles representam 26% dos estudantes matriculados nessa etapa de ensino."[37] E por causa dessa distorção etária, a idade alvo não será apenas os 13 anos de idade, mas todo esse período etário chamado de adolescência, para contabilizar estudantes

---

[33] MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Base Nacional Comum Curricular.* Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: http://www.mec.gov.br. Acesso em: 10 de jul. 2025

[34] BNCC, p.426

[35] UNICEF, *PANORAMA DA DISTORÇÃO IDADE-SÉRIE NO BRASIL*.: UNICEF, 2018. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/media/461/file/Panorama_da_distorcao_idade-serie_no_Brasil.pdf. Acesso em: 10 de jul. de 2025.

[36] Unicef, p.5, 2018

[37] Unicef, p. 7, 2018

de outros anos letivos que tiverem o interesse de ler a obra, mas também para compensar para com essa distorção já apontada.

Contudo, a questão central aqui não é apenas "para quem essa obra deve ser feita?", como também, como deve ser feita. Isso porque a faixa etária que a ficção história a ser produzida, e que visa o público adolescente, deve se atentar em apresentar um conteúdo adequado ao público, visando, entre outras questões, a proposição de debates e aprendizados sobre os temas abordados. Assim, não se trata de uma história infantil, mas o conteúdo também não é adulto. O que, nesses casos, faz com que o melhor recurso seja o uso de material sobre literatura infantil. C. S. Lewis, autor dos livros das *Crônicas de Nárnia*[38], também escreveu ensaios sobre como escrever histórias, incluindo *Três Maneiras Para Escrever Para Crianças*[39], nos quais ele explica coisas básicas sobre a narrativa juvenil apontando questões que, por mais básicas que possam parecer, nem sempre são obvias. A principal lição que Lewis quer reproduzir em seu ensaio é que uma boa literatura é boa de qualquer forma, seja ela infantil ou não. Mas o principal para a nossa escrita está no começo do texto, onde ele discute três maneiras de produzir uma história que não seja o que ele chama de uma narrativa "mimada". Essa forma de narrativa é qualificada por ser uma história em que o protagonista recebe tudo de maneira dada, mesmo que vá contra qualquer crescimento narrativo de impacto. Segundo C.S. Lewis, a história, se feita para um público específico, nunca deve se moldar apenas para esse público. Ou seja, se se escreve uma história para crianças, o objeto de interesse não deve ser interessante apenas para crianças, mas abarque um público mais ampliado, dando maior profundidade ao que é narrado. No presente caso deste trabalho de conclusão do curso de licenciatura em História, dois guias para a produção da ficção história deseja se tornam centrais: que ela tenha elementos didáticos para o ensino da história da escravidão e da abolição no Brasil, mas que também seja uma boa história, adaptada ao público jovem, sem estar limitada por ele.

A obra que está sendo escrita tem como título *Luz Na História* e propõe para sua estrutura principal algo bem simples, inspirado em obras como *Bill e Ted*[40], de 1989, uma espécie de mistura entre comédia e ficção científica. No filme, o protagonista viaja no

[38] LEWIS, Clive Staples. **As crônicas de Nárnia**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
[39] LEWIS, C. S. Três maneiras de escrever para crianças. *In*: **As Crónicas de Nárnia**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009a. p. 739–751.
[40] **Bill & Ted - Uma Aventura Fantástica.** Dir: Stephen Herek. Estados Unidos da América, De Laurentiis Entertainment Group, 1989.

tempo com o objetivo de aprender sobre o passado. Na trama, dois adolescentes, com notas baixas na escola, usam uma máquina do tempo para visitar diferentes períodos históricos, para aprender sobre o passado e conseguir fazer seu trabalho final de História. A proposta no presente TCC é criar uma narrativa com elementos parecidos, entre eles "voltar no tempo" para estudar a história, mas com um tom menos cômico e mais educativo. Como uma viagem no tempo, que faz com os protagonistas do enredo desembarquem nos momentos cruciais da Abolição no Brasil, pode levar os estudantes do ensino fundamental a um processo de reflexão e debate sobre questões sobre as histórias da escravidão e da liberdade em nosso país, ainda que de forma leve e divertida através de uma ficção.

Então, refletindo sobre isso, é preciso apontar uma espécie de norte para a narrativa a ser produzida (terceiro capítulo deste TCC), pois, nesse produto, a ficção será tão importante quanto a versão apresentada da história real. Sendo assim, a próxima coisa a se definir é o tamanho do texto, pois a partir de seu tamanho, é possível definir uma estrutura, um começo, meio e fim para a obra. A ideia é criar uma obra que possa ser lida em sala de aula sem muito problema. Ou seja, uma narrativa curta e instigante, que promova o prazer da leitura, o entretenimento dos alunos e o envolvimento com os temas da aula de história. A proposta é criar uma coleção que se chama *Luz na História*, composta de episódios curtos e independentes entre si - com começo, meio e fim em cada episódio - para cada uma das viagens feitas no tempo. No caso deste TCC, será produzido apenas um episódio da obra, como uma amostra do potencial desta estratégia, referente à viagem dos protagonistas para o momento da abolição.

A história será narrada em primeira pessoa, para causar uma sensação de imersão melhor no leitor. E como um bom conto, o foco é na história e não nos personagens, logo, não se necessita um arco, como uma jornada do herói[41]. O importante, nesse caso, é chegar do ponto A ao ponto B na trama. Logo, para a personagem, optamos por um objetivo claro e conciso e algo que a conecte com o leitor de maneira rápida. O tom de aventura visa instigar os leitores, dando vivacidade e propondo um ambiente de curiosidade e descoberta por questões de história. Assim, num formato de conto episódico, a ideia é produzir histórias de aventuras seriadas de um adolescente viajando

[41] CAMPBELL, Joseph. **Herói de Mil Faces, O**. São Paulo: Editora Pensamento, 2004.

no tempo Na história, esses adolescentes terão a oportunidade de "presenciar" o cotidiano dos escravizados no Brasil do século XIX e as suas lutas pela liberdade.

Então, já com a premissa em mãos, é possível fazer um esboço da história que se pensou em produzir. Pensando na abertura da narrativa, é preciso destacar qual seria a motivação da personagem central. Por que ela voltaria no tempo? É necessária uma motivação rápida e simples, a introdução da história não pode passar de mais de duas páginas, mas seria interessante alguma solução que desperte a imaginação dos leitores, algo que fica inferido na história, mas não é dito. Portanto, que implique em algo a mais do que está dito. Originalmente a ideia seria de um estudante no futuro voltando ao passado para estudar, mas como dito, sua semelhança a outras obras faz com que não seja mais a motivação ideal. A ideia de uma pessoa voltando no tempo simplesmente para estudar tem potencial, porém, a maneira que estava escrita inicialmente era uma motivação fraca e confusa, que pouco contribui para despertar a imaginação dos leitores da obra. Isso porque, com argumentou C.S. Lewis[42], é preciso "dar ao público o que ele quer."[43] Mas é preciso ir adiante. Além de tentar fazer uma aproximação com seu público-alvo, como se estivesse a falar "você um estudante? O protagonista também é estudante, venha ler o livro!", seguindo as regras de Lewis é preciso ir além, visando que a obra tenha algo mais imaginativo e não apenas seja algo assim:

> Eu estava seguindo minha rotina normal na academia para jovens exploradores espaciais. Indo de aula em aula sem problema algum até chegar na de história, falando de gente morta a mais de século, nunca fui bem nisso, literalmente não vejo razão para estudar. Olha, eu estudo para uma coisa muito especifica, explorar as maravilhas além das nossas estrelas (a Terra só tem uma estrela que é o Sol, mas pluralizar deixa a frase mais bonita), então não vejo motivo para aprender qualquer forma de história que não seja apenas as dos últimos cinquenta anos, já que essa história envolve a criação do motor de dobra e que permitiu que eu possa estar estudando aqui nessa academia. Então, por natureza não presto atenção nas aulas de história, prefiro ficar desenhando hologramas sujos que poderia me deixar suspenso se o professor me pegasse fazendo isso. Porém é essa falta de interesse que me levou pruma furada.[44]

Como se pode ver, por mais que tenha um linguajar colorido, nada deixa para a imaginação, como se o fato de escrever de maneira informal, por si só iria conquistar o interesse. Por mais que uma "academia para jovens exploradores espaciais" seja algo que beba diretamente do suco da ficção científica, como podemos ver em histórias como *Jornada Na Estrelas*[45], se vê muito facilmente que é apenas um nome complicado para

[42] LEWIS, p. 741-742, 2009
[43] Lewis, p.742, 2009
[44] BORELI, Pedro Torres. Rascunho da história em sua primeira forma. Uberlândia, 2025. p. 1.
[45] RODDENBERY, Gene. **Star Trek**. Estados Unidos da América, NBC, 1966-1969.

uma escola. Quando se lê uma história de ficção científica se busca, entre outras coisas, um pouco de escapismo do mundo tal como ele é. Por mais que seja uma ficção histórica, a parte de completamente ficcional deve ser imaginativa em sua essência, criativa, que instigue nossas possibilidades de mundo e de realidade. A série britânica *Dr. Who*[46], por exemplo, resolveu isso com uma série de jornadas espaciais e ameaças interplanetárias, pois, assim, quando há a viagem ao passado, não há a necessidade de atrair a atenção do público apelando para algo além da realidade.

Logo a motivação da personagem deve estar relacionada ao mundo que vive e isso faz com que a imaginação do leitor seja também conquistada. Portanto, uma motivação melhor seria a seguinte: Luz, personagem da nossa história, é uma pessoa adolescente que vive em um futuro em que, apesar dos avanços tecnológicos, teve sua história apagada. Assim, ao conseguir uma máquina do tempo, de forma intencionalmente dúbia, decide retornar não só para conhecer como também para registrar o passado. Com esse mote, a imaginação do leitor é conquistada, com a tensão viva, que corre na mente em pensamentos como: "por que não há mais história?" Questões que, pairando na mente do leitor, provocariam a reflexão, entre outras, da importância da história no mundo, nas sociedades, no futuro. Como a história será narrada em primeira pessoa, uma coisa é fato: o futuro (que, no caso da personagem de nossa obra, é o presente dela) será intencionalmente mal explorado. O passado é o foco da obra. Diferente de outras narrativas de ficção científica, em que o futuro é longamente descrito no enredo, em suas particularidades, seus avanços tecnológicos, para a protagonista da nossa obra o futuro é de conhecimento geral, é pressuposto, não precisa ser narrado. Assim se terá mais tempo para explorar e descrever o tempo no passado, ao invés de gastar páginas e o tempo de atenção do leitor em uma descrição detalhada de um futuro que não será de importância na história contada. É preciso dizer também que a escolha pela narrativa em primeira pessoa, além de querer dar uma impressão mais imersiva nos leitores, instigando-os a olhar para o passado, também foi feita por se saber do sucesso que esse modelo tem entre adolescentes. Basta lembrar que uma das obras de maior sucesso entre o público infanto-juvenil nos últimos tempos tem sido a série *Diário de Um Banana*[47], de Jeff Kinney, um

[46] NEWMAN, Sydney; WEBBER, C. E.; WILSON, Donald. **Doctor Who**. Reino Unido, BBC, 1963-2025.
[47] KINNEY, Jeff; DE MACEDO SOARES, Antonio. **Diário de Um Banana**. São Paulo: Vergara e Riba Editoras Ltda, 2008.

dos livros mais vendidos, tratado como um *best-seller* pelo *New York Times*[48] Extremamente popular, a obra, escrita em formato de diário, narra as desventuras de um pré-adolescente, Greg Heffley, um garoto comum do ensino fundamental. O que se busca no produto final deste TCC é uma narrativa que se aproxime dessa linguagem que faz sucesso entre adolescentes.

No enredo proposto aqui o conflito será isolado apenas ao mundo da ficção e será uma grande ameaça à vida da protagonista, mas com cuidado para que não tire o foco dos temas e questões propostos na aventura que ela viverá tempo mais do que suficiente no passado brasileiro. Ao final da aventura, a protagonista retornará ao seu mundo, o "futuro" para os leitores da obra, e deixará em aberto a possibilidade de mais viagens ao passado.

O Brasil no ocaso da escravidão e o caminho da liberdade

Em 1888 foi proclamada a Lei Áurea que resultou no fim da escravidão. Mas resumir as muitas histórias de luta pelo fim da escravidão e pela liberdade à assinatura de um documento pela Princesa Isabel é um erro crasso. Já hoje a historiografia vem mostrando como diferentes setores sociais, incluindo os próprios escravizados, lutaram de diversas maneiras pela liberdade. Tendo isso em vista, é importante que a ficção histórica proposta aqui, e que pode servir como um trabalho da divulgação científica sobre o tema, tome determinados cuidados para não reproduzir ideias equivocadas sobre os processos históricos da abolição no Brasil, evitando narrativas tendenciosas e lacunares sobre o tema. Então, para que representemos o clima político brasileiro antes da assinatura da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, é necessário um estudo das complexidades desse processo, olhando para uma bibliografia especializada no tema. É necessário saber como era o cotidiano das elites escravocratas, das pessoas escravizadas, dos sujeitos livres e do restante da população. Sabendo desses detalhes, seremos capazes de nos aprofundar nas nuances da vida do povo no Brasil oitocentista. Como já explicado anteriormente, a melhor coisa para a ficção histórica é conhecer um pouco da realidade antes da ficção, a fim de dar verossimilhança ao que se narra. No presente caso, em que o objetivo não é só o entretenimento, o cuidado com elementos do passado também tem finalidade didática. Portanto, no produto pensado para esse TCC, a obra seriada de ficção histórica, intitulada *Luz Na História*, terá como um de seus episódios a volta ao momento da Abolição e, por isso, uma pesquisa na historiografia sobre o tema foi realizada. E, para

[48] THE. **Best Sellers - Books - Dec. 7, 2008 - The New York Times**. Disponível em: <https://www.nytimes.com/books/best-sellers/2008/12/07/>. Acesso em: 19 dez. 2025.

facilitar essa pesquisa, foi necessário então um enfoque em um intervalo de tempo específico, para que mais detalhes sobre aquele momento estivessem disponíveis no enredo. Decidiu-se, então, em narrar uma história que se passasse nos dez dias anteriores à assinatura da Lei Áurea, representando as pessoas escravizadas e o cenário político no momento.

Como já dito antes, a história tem como protagonista um jovem, de um futuro distante (100 anos de nosso presente), retornando ao passado, o que permite que o protagonista seja audiência da história tal qual o interlocutor. Com a história contada em primeira pessoa, a acurácia da representação do cenário e dos indivíduos é essencial. Ao descrever os arredores do Brasil no século XIX de forma correta, o texto pode enfocar em detalhes mais próprios da narrativa, permitindo assim que o leitor seja instigado a querer conhecer mais daquele mundo, aprendendo sem sentir a pressão de um aprendizado mais formal e tradicional, caso decida ler de forma casual. Então, por conta dessa metodologia, a pesquisa do período tem de ser extremamente precisa, para que o leitor não carregue uma impressão errada do texto, um problema comum em outras obras do gênero de ficção histórica, que o leitor presume que as coisas que não são claramente ficcionais, mas são verdadeiras.

A ideia é, na trama, enfatizar o complexo cenário político do qual a abolição fazia parte, tirando o foco só da assinatura da Lei Áurea. Mostrar o processo histórico que levou o Brasil até a abolição, destacando os diferentes personagens dessa luta. Havia uma tensão grande sobre os rumos da escravidão. De um lado, havia uma elite escravocrata que dizia que seria impossível fazer a abolição imediata, com a desculpa de que isso representaria a falência da "lavoura", que causaria o abandono do trabalho nas fazendas e que o discurso abolicionista causava distúrbios, incentivando revoltas e brigas entre pessoas escravizadas e seus senhores. Durante todo o tempo essa elite defendeu que a liberdade chegasse aos escravizados de forma lenta e gradual. Por outro, os abolicionistas defendiam o fim imediato da escravidão, instituição, não só publicamente condenada, como tida por ilegítima, há que, naquele momento, fruto em grande parte do tráfico ilegal[49]. Conforme aponta Maria Helena Pereira Toledo Machado[50], a Lei dos

[49] ARAÚJO, Carlos Eduardo Moreira de. "Fim do tráfico" IN: GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). "Introdução". In: **Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, pp. 230-236.

[50] MACHADO, Maria Helena Pereira. "Teremos grandes desastres, se não houver providências enérgicas e imediatas": a rebeldia dos escravos e a abolição da escravidão. *In*: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo

Sexagenários, promulgada em 1885, colocou a economia escravagista em alerta, apontando para o horizonte do fim da escravidão. Contudo, a nova lei ainda mantinha um plano gradualista para a abolição e previa indenização aos senhores, já que idosos escravizados tinham que trabalhar por 5 anos antes da liberdade total. Podemos dizer que a Lei dos Sexagenários abre uma boa janela para observar como funcionava a política escravista daquele período, em que se entendia a necessidade da abolição, mas tinha como princípio o bem-estar e os interesses não dos escravizados, mas sim dos senhores de escravos. A historiografia aponta, entretanto, que, mais que atender somente aos interesses dos escravocratas, essa lei, junto com a anterior, a Lei do Ventre Livre, representavam a interferência do Estado Brasileiro nas relações entre senhores e escravizados. As duas leis abriram brechas importantes para que os escravizados usassem a Justiça como uma arena importante de luta pela liberdade[51]. Em ações civis de liberdade e com apoio de advogados, como o abolicionista negro Luiz Gama, os próprios escravizados enfrentaram as lutas pela liberdade. Além de fugas, revoltas, quilombos, modos conhecidos de insurreição escrava, eles também foram à Justiça, reivindicando direitos e liberdade[52]. Tais lutas poderiam impor ordens judiciais para a liberação de indivíduos, o que confrontava diretamente a base ideológica do sistema escravagista. "Sendo a escravidão, em princípio, um regime no qual a lei se faz ausente, e o poder senhorial, absoluto, sua regulamentação legal, em caráter impessoal, tendia a provocar fissuras na base do sistema."[53]

Portanto, tem que se colocar em jogo um aspecto importante, a regulamentação da escravidão causada pela graduação do processo de abolição forçou o enfraquecimento da própria, mas também tensionou a relação entre os senhores e o Estado. Não a toa, acaba a escravidão, os fazendeiros, ex-senhores de escravos, romperam com a Monarquia e se juntaram aos projetos republicanos. Além das lutas nos tribunais, crescia também, desde o fim dos anos de 1870, a campanha abolicionista no Brasil, que ganhava cada vez mais espaço público e novas adesões. Conforme argumenta Maria Helena Machado,

> Apesar das dificuldades encontradas pelo abolicionismo gradualista para articular um projeto social mais amplo que superasse a escravidão, ao Longo

(Orgs.). **O Brasil Imperial, volume III: 1870-1889**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 367–400.

[51] MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. **Cenas da abolição**: escravos e senhores no Parlamento e na Justiça. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001

[52] Sobre isso, ver, por exemplo, AZEVEDO, Elciene. **O direito dos escravos**: lutas jurídicas e abolicionismo na província de São Paulo. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010. 256 p.

[53] Machado, 2009, *op. cit.*, p. 374.

> da década de 1880, assistiu-se à ascensão de militâncias abolicionistas de cunho parlamentar e jornalístico, cuja crescente radicalização chegou a ensejar, entre os contemporâneos, temor de que estivesse em curso uma perigosa perda de limites de contenção entre o mundo da política formar e a desordem social.[54]

Assim, já há de se criar um cenário de grande tensão no ar quanto o assunto eram as lutas pela abolição. Debates nos jornais, lutas na Justiça campanha abolicionista a todo vapor, revoltas, ataques nas fazendas a senhores e feitores e, em especial, as fugas em massa de escravizados (que começaram a ocorrer em 1887), davam a esse cenário um aspecto de grande agitação social, agitação que envolvia diferentes atores sociais. Crescia também a pressão dos escravagistas ao governo, forçando a manutenção do *status quo*. Com a lei de 1885, ficou permitido perseguir e prender abolicionistas acusados, por exemplo, de acoitar escravo fugido. Havia uma cobrança dos escravocratas que o Estado controlasse o abolicionismo e tais eventos. Por outro lado, a militância abolicionista só crescia e fortalecia conforme a década de 1880 avançava. Haja vista a abolição da escravidão no Ceará e no Amazonas, em 1884. s[55].Essa tensão política é algo que será valorizado no produto final do TCC, agindo como uma alavanca do enredo da obra ficcional aqui proposta, já que a ideia principal é mostrar que, muito além da lei assinada pela princesa em 1888, havia um cenário de muitas lutas no Brasil, protagonizadas por diferentes setores sociais, em especial os próprios escravizados. A decisão de abandonar, coletivamente, as fazendas, foi decisivo nesse cenário.

Enquanto a Lei dos Sexagenários, de 1885 foi vista pelos escravagistas como mais uma tentativa do governo se enfiar na economia de maneira negativa, como algo que atrapalharia seus lucros e seus mercado, ela foi interpretada pelos abolicionistas como uma "medida retrograda, cujo proposito era conter o avanço do movimento. Um balde de água fria na fervura, como se chegou a dizer na época."[56] A partir dessa tensão é que se pode apoiar uma trama sobre essas diferentes experiências no processo da Abolição no Brasil. Isso porque, ao chegar em 1888, há um acúmulo das tensões, como em uma bola de neve, que irá culminar não apenas na abolição no dia 13 de maio. Esse dia será, então, resultado de muitas lutas, e não só da decisão da Princesa em abolir a escravidão. Isso torna o processo mais dinâmico, menos linear, cheio de tensões e de diferentes protagonistas. Importante lembrar, contudo, que o fim da escravidão não representou o

[54] Machado, 2009, *op. cit.*, p. 375.
[55] MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. Legislação emancipacionista, 1871 e 1885. *In*: SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). **Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 282
[56] Mendonça, 2019, p. 283,

fim das lutas dos libertos, e da população negra em geral, que teve que enfrentar o racismo estrutural e as muitas tentativas de limitar a cidadania de negros e negras no Brasil.

Ao longo desse processo de lutas e seus diversos agentes, é preciso também observar as origens de alguns movimentos abolicionistas ligados a movimentos trabalhistas no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul, colocando a abolição como prioridade[57]. E este enfoque trabalhista pode ser explorado durante a obra. Outro ponto que pode ser abordado na obra ficcional são as revoltas escravas, ação que também fez parte das estratégias dos escravizados e, por outro lado virou tema caro às elites escravocratas. Segundo Maria Helena Machado,

> Ora, à medida que os senhores perdiam o controle sobre seus cativos, passavam a exigir das autoridades que interviessem de forma truculenta na contenção da rebeldia escrava, e assim, decididamente, se colocassem ao lado da defesa da propriedade de escravos. Por seu turno, muitas autoridades começavam a se sentir pressionadas e desrespeitadas, situação que delineava potenciais conflitos de poder no âmbito do controle social. Pode-se dizer que, embora permaneça ainda como questão nebulosa, o processo de intervenção da esfera pública no mundo privado dos senhores de escravos começou a gerar, em torno da década de 1880, uma cisão na esfera do controle social, em torno da implementação das leis emancipacionistas.[58]

Segundo a autora, os movimentos abolicionistas incompletos alimentaram um espírito de revolta nos escravos, ou assim imaginavam os senhores de escravos, que partiam então para pressionar o Estado para que este – e suas forças policiais – retaliassem abolicionistas e escravos rebeldes. Mas isso também foi fonte de disputa, já que nem sempre as autoridades aderiram a esses desejos dos escravocratas, se recusando a atuar na repressão aos escravizados e abolicionistas nos últimos momentos da escravidão no Brasil. Conforme nos explica Maria Helena Machado:

> Em termos mais diretos, a adesão das autoridades policiais ao gradualismo detonou as bases do controle social dos escravos nas localidades, abrindo espaço para a ascensão dos movimentos rebeldes legalismo, mesmo que tímido, das autoridades foi um subproduto não planejado do abolicionismo e deu lugar a uma reordenação de forças, com consequências inesperadas. Os escravos, como sempre, aproveitaram o espaço aberto pela briga entre os poderosos e avançaram decididamente. Os já visíveis movimentos insurrecionais do começo da década de 1880 se aprofundaram em seus meados desembocando em crise aguda na qual o constante abandono dos postos de trabalho pelos escravos nas fazendas acrescentava-se à crescente mobilidade dos grupos de cativos que, em suas andanças, assustavam as populações das vilas e cidades. Apesar da contínua repressão da Polícia e dos capangas, armados pelos cada vez mais presentes Clubes de Lavoura, os escravos, de alguma forma, percebiam que as autoridades não tinham mais instrumentos

[57] ALBUQUERQUE, Wlamyra. Movimentos Sociais Abolicionistas. *In*: SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). **Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2019. p. 328–333.
[58] Machado, 2009, p. 388

> para conter a onda de insubmissão. A fissura no discurso hegemônico sobre a defesa da propriedade escrava como prioridade acabou, em última análise, abrindo o flanco para a ascensão de um tipo de rebeldia escrava que pôs fim à própria escravidão.[59]

Assim, a Abolição ocorrida no dia 13 de maio de 1888 foi o resultando não só da Lei Áurea, mas de uma grande sequência de fatos, como as leis emancipacionistas anteriores, como a Lei do Ventre livre e a dos Sexagenários; a organização do movimento abolicionista, as fugas e revoltas dos escravos; a luta na Justiça brasileira empreendida por escravizados; a campanha pública contra a escravidão nos jornais; como também pelo enfrentamento das estratégias políticas dos escravistas no Parlamento, junto ao Estado, à polícia. O importante para a obra é demonstrar este ambiente, um ambiente de tensão, de nervosismo e de ansiedade em torno do tema. Havia um anseio não só para a conquista da abolição, mas havia uma narrativa que reforçava o medo por parte dos senhores de escravos e de uma parte da população que temiam revoltas e ações violentas nas lutas pela liberdade. Havia por parte de uma elite branca o medo de que os escravizados se tornassem os principais protagonistas das lutas pela liberdade. Com olhares racistas, essa elite alertava sobre os perigos dessas lutas. O temor do "enegrecimento" do Brasil era combustível para boa parte da retórica escravista.

E, com isto, se tem o ambiente na qual a obra se passará, um cenário tenso e de muita discussão política. E agora é importante discutir quais eventos a obra irá cobrir. Uma parte importante de um trabalho de ficção histórica é acompanhar eventos chaves da história de sua própria maneira. Então quais os eventos que poderiam ser observados por nossa protagonista de forma a melhor narrar os eventos que levaram a abolição? Um evento claro seria as fugas coletivas que aconteceram nos meses imediatamente anteriores à promulgação da lei. Outro ponto seriam as diferentes arenas pelas quais os escravizados atuaram, como as brigas nas Justiça a importância de abolicionistas, em especial os abolicionistas negros como Luís Gama e José do Patrocínio tiverem nesse processo. Outro ponto que pode ser destacado é como uma retórica da elite escravocrata, prevendo a abolição em breve, se apropriou de ideias do racismo científico para impor novas hierarquias sociais. Mesmo o olhar de abolicionistas brancos, que desejavam o fim da escravidão, estava marcado pelas questões raciais e, por isso, olhavam para o futuro do Brasil a partir de uma perspectiva que tendia a estereotipar os libertos e imaginar uma cidadania de certa forma limitada para eles.

[59] Machado, 2009, p. 395

Portanto é essencial para o texto entendermos corretamente as políticas raciais no Brasil no século XIX de forma a melhor recriar o ambiente do Brasil no fim dos anos de 1800. E esta visão generalista é um bom começo, quando se tratar de questões específicas é de profunda necessidade de se aprofundar nos específicos dessa relação de poder, mas em um âmbito geral só é necessário compreender o seguinte: no mundo intelectual há uma clara tentativa de desumanizar o não branco. E desta desumanização que surge diversas revoltas e aumenta o poder de movimentos abolicionistas liderados por pessoas que não concordam completamente com essas máximas raciais divulgadas.

Portanto, no texto do produto-final, para representar esta tensão dois eventos serão observados pela protagonista, uma revolta escravista e uma fuga de escravizados para um quilombo. A revolta retratada foi a da fazenda do Castelo, que ocorreu em Campinas em 1882, liderada por Felipe Santiago[60], este evento tem uma guinada religiosa, o que geraria estranheza para a protagonista, além de choque, com a personagem inicialmente sentindo repulsa pela violência, porém a compreendendo ao final da passagem. Já o segundo evento, sendo uma fuga para o quilombo de Jabaquara[61] no início de 1888 aos arredores da cidade de Santos, esta passagem será o momento histórico mais inventivo dentre os eventos narrados, pois não é baseada em um evento em particular, e se trata de uma especulação sobre como funcionariam as fugas para este quilombo em específico. Estes eventos demonstrariam a perspectiva dos escravizados por uma visão externa, mas empática, que busca compreender os motivos e se integrar aos escravizados.

Mas, uma história necessita de uma conclusão, e tanto o tema quanto o período explorado pela história pediam que concluísse a narrativa com a abolição da escravidão no dia 13 de maio de 1888. Portanto os eventos testemunhados pelas personagens serão a discussão parlamentar da Lei Aurea, liderada por Joaquim Nabuco na semana anterior à assinatura realizada pela Princesa Isabel[62], representando de forma categórica o fervor abolicionista que havia tomado, pelo menos, a capital da nação. E o outro evento seria a missa campal ocorrida na primeira quinta-feira após a assinatura da abolição, no dia 17 de maio de 1888, onde grandes figuras históricas de relevância para a abolição

[60] MACHADO, Maria Helena. Com dois te vejo, com cinco te prendo: Os escravos e suas estratégias de libertação. *In*: **O Plano e o Pânico: Os Movimentos Sociais na Década da Abolição**. Rio De Janeiro: Editora UFRJ, EDUSP, 1994. p. 91–127.
[61] MENDES, Carlos Pimentel. **Novo Milênio: Histórias e Lendas de Santos: Os quilombos de Santos (5)**. Disponível em: <https://www.novomilenio.inf.br/santos/h0222e.htm>. Acesso em: 5 mai. 2026.
[62] MENDONÇA, Joseli Nunes. **Cenas da abolição: Escravos e senhores no Parlamento e na Justiça**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2022

apareceram diante centenas de pessoas que celebravam a abolição, e por conta disso foi o evento na qual foi fotografada uma das imagens mais significativas para a abolição[63], com o evento servindo com uma cereja no bolo para encerrar a parcela histórica do texto, como um momento alegre para encerrar a história que até então demonstrou apenas o sofrimento e a raiva dos escravizados. E o formato do texto é uma das razões pela qual este final será significantemente satisfatório, por conta disso merece ser bem explicado.

Formato de narrativa

Na história a narradora e protagonista, Luz, viaja para os pontos do passado e os descobre enquanto os observa. Por conta disso, a narrativa é limitada por seu ponto de vista. Então para contrabalancear esta característica do enredo, a protagonista, aproveitando do artificio da viagem no tempo, pula de momento em momento do tempo. Sua compreensão do período cresce enquanto segue em suas jornadas. Isto resulta em um grave problema, suas passagens históricas sendo limitadas por seu ponto de vista acabam que representam uma imagem muito curta do fato representado. Não é uma representação justa de um evento. A narradora, ao não entender os conceitos em que ela está explorando, tem que buscar o conhecimento de forma orgânica na história e, enquanto não houver a exposição do conceito para a personagem, não haverá uma explicação satisfatória na própria narrativa da história.

O artificio de pular entre momentos da história, permite uma ampliação do escopo em que a história é contada, mas pode trazer a confusão, por isso, entre as mudanças de período terá uma intromissão completamente fictícia, se passando no futuro, deixando clara a transição entre eventos. Com isto, a narrativa progride com a personagem voltando ao passado, estando presente para um evento, voltando ao seu presente, e refletindo na jornada. Pois como a história é epistolar, formatada como um diário, suas reflexões são justificadas como apenas ponderamentos.

Mas a principal fraqueza desta forma de narrar a história já fora mencionado, mas não explorado, a visão enviesada e pequena da narradora. Para que a história pudesse ser narrada de forma autêntica um narrador onisciente seria necessário, mas isto leva à história a correr o risco em que o ensino por meio de ficção busca evitar, que é a "enciclopedização" do texto, com alguns personagens inventados colocados na narrativa

[63] LIMA JUNIOR, Carlos. Imagem (re)velada: Sobre uma fotografia desconhecida da "Missa Campal 17 de maio 1888" no acervo do Musée Louis-Philippe, Castelo d'Eu. **Revista de História da Arte e da Cultura**, v. 6, n. 1, p. 55–88, 2025.

seca de um texto historiográfico. Com a narrativa em primeira pessoa, o texto não é enciclopédico, mas é incompleto, não vai além dos detalhes em que a protagonista percebe. Mas neste vazio de informações se apresenta a oportunidade para a adição de questionários sobre o texto, com perguntas miradas aos alunos sobre o conteúdo do texto e o que da história foi obscurecido pelo ponto de vista em que a obra toma, além de uma edição para professores com comentários apontando as fontes e as histórias completas de forma impessoal.

Conclusão

Após a construção do produto final deste TCC e depois de todo o processo de pesquisa feita para sua realização, a única conclusão possível é de que é muito mais difícil escrever uma obra de ficção histórica do que eu havia pensado inicialmente. Primeiro, porque é desafiador encaixar uma boa história na História. Havia sempre o pensamento de que uma "dramatização" de eventos reais corresse o risco direto de conter incoerências e anacronismos. A pesquisa com a historiografia e a clareza no objetivo final da atividade, ou seja, fazer dela uma ferramenta didática para o ensino de ensino, me ajudaram a não me perder no propósito. A solução de uma narrativa não-linear, com ocorre com uma viagem no tempo, também ajudou nessa tarefa, já que isso tornou possível dividir a narrativa em episódios temáticos, escolhidos a partir de questões centrais do processo de Abolição no Brasil. Linchamentos, abolicionismo e abolicionistas, revoltas, fugas em massa e, por fim, a Abolição são os temas de cada uma das viagens que Luz fez ao passado. Tal estratégia permitiu que um maior escopo de eventos entrasse nessa narrativa mais concisa. Desde o início imaginei uma história curta, para ser lida em sala ou bem rapidamente pelos alunos.

Outra dificuldade encontrada foi se criar um ângulo educacional – visando o aprendizado do aluno – quando o texto tinha uma narradora que sabia pouco ou quase nada sobre aquilo que observava no passado, como é o caso de Luz, a protagonista da história. Foi um grande desafio equilibrar a ignorância desta protagonista com a necessidade de apresentar e ensinar aos alunos o conteúdo da história da Abolição através da narrativa. Sempre me perguntava como, por exemplo, equilibrar o fato da protagonista Luz não saber que o Brasil havia tido um imperador no século XIX com a necessidade de apresentar no texto eventos na qual a relevância histórica só se sabe caso se conheça este fato. Como fazer entender a importância da Abolição sem compreender – ou deixar evidente – que o governo imperial era uma peça fundamental do sistema escravista? Este equilíbrio foi importante e desafiador. Espero que eu tenha conseguido uma solução minimamente interessante para este desafio.

Não jogar fora a pesquisa feita, mas também não a revelar tudo, não deixar tudo evidente na narrativa: esse foi muitas vezes o desafio. Abrir as cortinas do mágico é essencial para que a mágica da ficção continue existindo, mas não se pode revelar tudo a todos. Ao transformar o produto-final também em um material paradidático para o uso de professores em sala de aula, as cortinas alegóricas são abertas e a pesquisa pôde respirar

e ser apresentada de forma mais completa, objetiva, a fim de ajudar nos debates sobre abolição que a história de Luz proporcionava. O material de apoio tem como objetivo permitir que a história de Luz seja observada por novos ângulos, permitindo que aquilo que não foi entendido no texto, nem pela protagonista, nem pelo leitor, seja objeto de pesquisa em sala e em casa. O questionário também ajuda nessa tarefa, uma vez que ele força o leitor a prestar atenção nos detalhes da história, nos sentidos mais profundos dela. Conectando com as aulas de história, com a pesquisa por eventos, personagens e lugares, o aluno descobre, junto com Luz, alguns sentidos das lutas pela liberdade no Brasil do século XIX. Caso o texto apresente qualidades que prendam a atenção do jovem estudante, o processo de aprendizado pode parar de ser maçante e se tornar algo que também se torne um entretenimento. Claro que este é um dos objetivos deste trabalho, transformar o aprendizado em História em algo também divertido. Não que já não seja. Insisto que este trabalho não promete ser a solução para um problema que não existe, mas sim que ele deseja apontar uma rota para a facilitação deste engajamento.

Concluída a escrita desse trabalho final da licenciatura em História, pude perceber que uma ficção histórica bem pesquisada e bem escrita é algo trabalhoso, mas que apresenta um enorme potencial para o ensino e as dificuldades na escrita nasceram disso.

Por fim, sem ter leitores de teste não se sabe da eficácia e qualidade do produto-final, mas, com base nos dados já analisados, é completamente plausível que este trabalho represente já demonstre um bom exemplo de uma obra de ficção histórica e como aplicá-la em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra. Movimentos sociais abolicionistas. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santos (org.). *Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 328-333.

APOLINÁRIO, Eric. *O crime da Penha: carnaval da brutalidade*. São Paulo: Gregory, 2023.

ARAÚJO, Carlos Eduardo Moreira de. Fim do tráfico. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santos (org.). *Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 230-236.

AZEVEDO, Elciene. *O direito dos escravos: lutas jurídicas e abolicionismo na província de São Paulo*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

AZEVEDO, Elciene. *Orfeu de Carapinha: a trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

AZEVEDO, Elciene. "Se negro sou, ou sou bode, pouco importa, o que isso pode?": inclusão e cidadania na pena de Luiz Gama. In: PINTO, Ana Flávia Magalhães; CHALHOUB, Sidney (org.). *Pensadores negros, pensadoras negras: Brasil, séculos XIX e XX*. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. p. 59-82.

BILL & TED: UMA AVENTURA FANTÁSTICA. Direção: Stephen Herek. Estados Unidos: De Laurentiis Entertainment Group, 1989. 1 filme.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento, 2004.

CASTILLO, Lisa Earl; ALBUQUERQUE, Wlamyra. Família, insurgências e contravenções: memória e história de Luiz Gama na Bahia. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 71, p. 1-49, 2025.

CHARBEL, Felipe. O historiador face à ficção. In: MEDEIROS, Bruno Franco et al. *Teoria e historiografia: debates contemporâneos*. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

CORAÇÃO VALENTE. Direção: Mel Gibson. Estados Unidos: Paramount Pictures, 1995. 1 filme.

CORAÇÕES DE FERRO. Direção: David Ayer. Estados Unidos: Columbia Pictures, 2014. Disponível em: https://www.primevideo.com/-

/pt/detail/Cora%C3%A7%C3%B5es-De-Ferro/0PZ21G2T204NLPJC4099VUHSFT. Acesso em: 11 jun. 2025.

DONALD NO PAÍS DA MATEMÁGICA. Direção: Hamilton Luske; Wolfgang Reitherman; Les Clark; Joshua Meador. Estados Unidos: Walt Disney Productions, 1959. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nJ8qFLq3eNU. Acesso em: 11 jun. 2025.

GALASTRI, Luciana. Conheça a Enterprise da NASA: sim, a agência espacial tem um projeto com esse nome. E, sim, cientistas querem que ela alcance a velocidade de dobra. *Revista Galileu*, São Paulo, 2014. Disponível em: https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Espaco/noticia/2014/06/conheca-enterprise-da-nasa.html. Acesso em: 10 jun. 2025.

GOMES, Flávio dos Santos; LAURIANO, Jaime; SCHWARCZ, Lilia Moritz (ed.). Luiz Gama. In: *Enciclopédia negra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. p. 339-342.

HERZ, S. K. Using historical fiction in the history classroom. *Curriculum Units by Fellows of the Yale-New Haven Teachers Institute*, New Haven, 1981. 13p.

INTERESTELAR. Direção: Christopher Nolan. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2014. Disponível em: https://www.primevideo.com/-/pt/detail/Interestelar/0PUNMGZEWOMYFKR1XIGOLTL2YM. Acesso em: 11 jun. 2025.

JORNADA NAS ESTRELAS. Produção: Gene Roddenberry. Estados Unidos: NBC, 1968. Série televisiva.

KING, Stephen. *Novembro de 63*. São Paulo: Suma, 2013.

LEE, Harper. *O sol é para todos*. Tradução de Beatriz Horta. 45. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.

LEWIS, Clive Staples. *As crônicas de Nárnia*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

LEWIS, C. S. Três maneiras de escrever para crianças. In: LEWIS, C. S. *As crônicas de Nárnia*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. p. 739-751.

LIMA, Luiz Costa. Ficção externa e a historiografia. In: MALERBA, Jurandir (org.). *História e narrativa: a ciência e a arte da narrativa histórica*. Petrópolis: Vozes, 2016.

LIMA JUNIOR, Carlos. Imagem (re)velada: sobre uma fotografia desconhecida da "Missa Campal 17 de maio de 1888" no acervo do Musée Louis-Philippe, Castelo d'Eu. *Revista de História da Arte e da Cultura*, v. 6, n. 1, p. 55-88, 2025.

MACHADO, Maria Helena. Com dois te vejo, com cinco te prendo: os escravos e suas estratégias de libertação. In: *O plano e o pânico: os movimentos sociais na década da Abolição*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; EDUSP, 1994. p. 91-127.

MACHADO, Maria Helena Pereira. "Teremos grandes desastres, se não houver providências enérgicas e imediatas": a rebeldia dos escravos e a abolição da escravidão. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (org.). *O Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. v. 3, p. 367-400.

MALONEY, Kayleigh. *Relevant history: using historical fiction to make history engaging*. Saint Paul, Minnesota, 2022. Capstone project (Master of Arts in Teaching – MAT) – Hamline University, School of Education and Leadership, 2022. Orientadora: Jennifer Carlson. Disponível em: https://digitalcommons.hamline.edu/hse_cp/788/. Acesso em: 11 jun. 2025.

MCMAHON, Annie Whitlock; BRUGAR, Kristy A. Historical fiction and its commonplace in classrooms. *The History Teacher*, Notre Dame, v. 56, n. 1, 2022.

MENDES, Carlos Pimentel. Os quilombos de Santos (5). In: *Novo Milênio: histórias e lendas de Santos*. Disponível em: https://www.novomilenio.inf.br/santos/h0222e.htm. Acesso em: 5 maio 2026.

MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. *Cenas da abolição: escravos e senhores no Parlamento e na Justiça*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. Legislação emancipacionista, 1871 e 1885. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santos (org.). *Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 282-287.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (BRASIL). *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: http://www.mec.gov.br. Acesso em: 10 jul. 2025.

MORAES, Renata Figueiredo. *As festas da Abolição: o 13 de maio e seus significados no Rio de Janeiro (1888-1908)*. Rio de Janeiro, 2012. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

NEWMAN, Sydney; WEBBER, C. E.; WILSON, Donald. *Doctor Who*. Reino Unido: BBC, 1963–2025. Série televisiva.

O RESGATE DO SOLDADO RYAN. Direção: Steven Spielberg. Estados Unidos: Paramount Pictures, 1998. 1 filme.

OS CAÇADORES DA ARCA PERDIDA. Direção: Steven Spielberg. Estados Unidos: Lucasfilm, 1981. 1 filme.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Escritos de liberdade: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista*. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

PIROLA, Rafael Faria. A Lei de Lynch no ocaso da escravidão: linchamentos, justiça e polícia (1878-1888). In: OSÓRIO, Helen; XAVIER, Regina Célia Lima (org.). *Do tráfico ao pós-abolição: trabalho compulsório e livre e a luta por direitos sociais no Brasil*. São Leopoldo: Oikos, 2018. p. 454-481.

REIS, Diana Catarina Couto. *A literatura de ficção histórica na construção do conhecimento histórico*. Braga, 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Minho, Braga, 2013.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (org.). *Revoltas escravas no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

RODDENBERRY, Gene. *Star Trek*. Estados Unidos: NBC, 1966-1969. Série televisiva.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santos (org.). *Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SOLÉ, Glória; REIS, Diana; MACHADO, Armando. Potencialidades didáticas da literatura infantil de ficção histórica no ensino de história: um estudo com alunos

portugueses do 6º ano do ensino básico. *História & Ensino*, Londrina, v. 20, n. 1, p. 7-30, 2014.

SOUZA, Rosana Marques de; GOMES, Emerson Ferreira; PIASSI, Luís Paulo de Carvalho. O robô de Júpiter: o ensino de ciências mediado pela ficção científica. *Ensino, Saúde e Ambiente*, Niterói, v. 5, n. 2, p. 13-24, 2012.

SPIELBERG, Steven. *A lista de Schindler*. Estados Unidos: Universal Pictures, 1994. 1 filme.

THE NEW YORK TIMES. Best sellers – books – Dec. 7, 2008. Disponível em: https://www.nytimes.com/books/best-sellers/2008/12/07/. Acesso em: 19 dez. 2025.

UNICEF. *Panorama da distorção idade-série no Brasil*. Brasília: UNICEF, 2018. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/media/461/file/Panorama_da_distorcao_idade-serie_no_Brasil.pdf. Acesso em: 10 jul. 2025.

VERNE, Jules. *20.000 léguas submarinas*. Cotia: Pé da Letra, 2018.

Anexo – Ficção Histórica/Material Paradidático

LUZ NA HISTÓRIA

Imagens da Abolição

Pedro Torres Boreli

Luz Na História: imagens da Abolição

Por:

Pedro Torres Boreli

Pinturas usadas na capa:

Abolição da Escravatura por Victor Meirelles

Habitação de Negros por Johann Moritz Rugendas

24 de julho de 2125

*****

Para quem conseguir ler esse diário, meu nome é Luz e estou escrevendo isso para que você que chegue a lê-lo e aprenda sobre o que a gente perdeu. Sim, a gente perdeu. Depois da guerra, nós perdemos tudo o que aconteceu antes do ano de 2050. Eu não tenho ideia de o porquê não sabemos, ou porque não lembramos, mas por algum motivo não querem que a gente saiba sobre o nosso passado.

Sempre que aparece alguma forma de evidência de vida pré-2050, eles derrubam ou desaparecem com a informação, como se fosse um segredo. E eu não posso aceitar isso, não podemos aceitar isso! Parece que há algo que não querem que a gente veja ou saiba. O passado sumiu. Não há registros anteriores a isso, é como se fosse um apagão. O mundo inteiro se tornou um mistério, prédios datados para antes do ano do evento, espalhados em todo o mundo, todos os aspectos provinciais do novo mundo parecem ter pouca relação com os velhos tempos ou com as sociedades que vieram antes de nós. Todo o planeta vive sob o “Tratado de Johanesburgo”, assinado em 2067, que impôs a unificação do planeta em um só governo, agora dividido em províncias.

Estou no sul da província do Leste-Atlântico, chamada informalmente de “América”. O porquê deste apelido é um mistério tão profundo quanto o da matéria escura. Há músicas do período pré-cataclisma que se referem de forma romântica à uma tal de “América” quando mencionam esta região do globo. Já ouvi sugestões de que o apelido surgiu por amor à terra rica, “Ame Rica”. E, com a impossibilidade de realmente descobrir o motivo desse nome, esta é a melhor escolha. Espero que com a minha aventura, que está por vir, eu consiga a resposta para tantas perguntas. Desejo que os registros desta

minha aventura possam ser lidos por outras pessoas quando eu finalmente voltar.

Já há algum tempo eu escutava rumores sobre um projeto envolvendo história. Bem, esses rumores eram reais e estou aqui com uma coisa que, digamos, peguei emprestado da base militar de Gladstone. Eu não sou idiota, também peguei os documentos que descrevem o que essa coisa é. Estão chamando de “máquina de manipulação de massa orgânica no espaço-tempo de forma não-linear”. Tinha mais coisas depois disso no nome, mas vou abreviar, resumindo, é uma máquina do tempo. Como ela funciona? Alguém sobe em sua plataforma central, aperta um botão e, pronto, viaja-se de volta no tempo até a data informada no painel lateral. O tempo gasto pela pessoa no passado é o mesmo tempo gasto no presente e, ao chegar no passado, um modelo inteligente adapta automaticamente as roupas e aparência do passageiro à época visitada, projetando um holograma com as roupas do tempo escolhido. Muito bem pensado para um bando de brutos. Talvez seja a chance de conhecer aquilo que eles tanto nos escondem.

E, bem, agora o que vou fazer é bem simples. Não se sabe o que aconteceu antes de 2050. Como não tenho família, exceto o Casio Pea, que já aceitou que tudo pode muito bem dar errado. E o que pode dar errado? Vou subir na máquina e voltar ao passado. O trabalho do Casio vai ser controlar o aparelho e fazer a vigia, já que eu não pedi permissão a ninguém na hora de pegar essa máquina. Talvez se souberem de algo, fiquem furiosos e queiram de volta esse precioso objeto. Sabendo que o tempo que vou gastar viajando na máquina vai ser a quantidade de tempo gasto aqui no presente, posso garantir que ninguém vai interromper minha viagem pelos próximos 7 dias. É preciso cuidado, pois se desligarem essa coisa enquanto eu estou no passado, há uma chance real de ter que gastar minha vida toda presa lá.

Escrevo essa entrada do meu diário no porão do que sobrou da última escola da região, que agora é só entulho. E desse entulho vou para 1888, acho que vai ser um ano interessante, bom, pelo menos é a data que já estava programada, espero que seja uma época no mínimo curiosa, vou fazer questão de anotar tudo o que encontrar por lá.

10 de fevereiro de 1888

*****

Primeiro, gostaria de dizer que estou viva, logo significa que a máquina funcionou. O sistema de hologramas da máquina transformou minhas calças jeans, minha regata branca e meu par de tênis batido em um belo vestido, vermelho com detalhes em dourado, e poderia ser descrito como bufante. Uma roupa que, se fosse física, eu sinto que seria bem desconfortável. Até porque aqui onde desci é um lugar bastante quente, tropical, talvez dissessem os antigos. Faz calor, muito calor.

Estou preocupada com uma simples questão, o que eu vou procurar aqui? Estou em uma pequena cidade, as ruas são de terra, casas construídas com paredes grossas de tijolo ou uma mistura de barro com madeira, foi o que eu notei enquanto explorava este vilarejo. Vilarejo que era uma cidade, se compará-la à megalópole de São Paulo, com os seus um bilhão de habitantes, chamar de vilarejo é gracioso.

Em uma comparação em aparente conforto de vida, eu entregaria para esta cidadezinha uma nota razoável. Em minha exploração inicial, encontrei uma placa próxima de um prédio que dizia o seguinte “Câmara municipal de Penha do Rio do Peixe – Província de São Paulo”. Nome que não me é familiar, mas eu poderia fazer um chute conservador de que esta cidade está no mesmo lugar de outra cidade, que em meu tempo se esconde embaixo de camadas de entulho, chamada Itapira, no antigo estado de São Paulo. Sinto isso por conta da igreja e do tamanho deste prédio que se diz ser a câmara municipal. Minha dedução pode estar bem errada, mas não acho que seria de muito absurdo explicar que o nome mudou.

O que restou desta pequena cidade? Apenas o seu nome nos mapas.

Pois bem, além disso o que mais eu vi?

Além de ruas de terra batida, que se misturavam às de pedra-macaquinho, eu vi algumas pessoas. Duas dessas pessoas falavam sobre fazer algo ruim, muito ruim, com um tal de Joaquim Firmino, que parece ser o delegado da cidade.

– Tem dois americanos e um monte de fazendeiros prontos pra dar uma lição no Joaquim, disse um dos homens que estava próximo de mim.

– Estão dizendo por aí que vão juntar pelo menos umas duzentas pessoas, a maioria mora no campo, tudo gente importante, dona de escravos, é o que ouvi falar. Dizem que, assim que a noite raiar, vão se juntar e fazer tocaia ao redor da casa do delegado.

Não consegui ouvir mais nada, mas não parecia coisa boa. O tal delegado parecia correr perigo. Além disso, os dois homens me encaravam com um olhar torto, como se estivessem desconfiados da minha presença e não tenho ideia qual seria o motivo para isso. Este diálogo me deixou curiosa sobre quem podia ser esse homem, o tal delegado Joaquim Firmino. Então, resolvi ir até a delegacia, que deveria estar aberta àquela hora.

Chegando no local de trabalho de Joaquim, eu não pude deixar de notar a simplicidade em relação às delegacias atuais. Barras grandes e grossas de ferro fundido eram o que separavam as celas onde estavam os indivíduos encarcerados, e um balcão onde um homem parecia anotar à mão boletins de ocorrência e atender pedidos. Tudo escrito em papel, com pena e tinteiro, algo super estranho. No meu tempo, de onde eu venho, o papel só é utilizado para manter os mais secretos dos documentos. Há de se notar que foi o primeiro prédio que entrei desde que comecei minha viagem e, mesmo sendo de manhã, era bastante escuro. Meus olhos tinham que se acostumar com a

iluminação, diferente do ataque fluorescente que todo interior de casas e escritórios no século XXII.

Sou recebida por um homem de uniforme atrás do balcão. Ele se levantou surpreso, olhou para mim e disse com um sorriso desconfortável:

– Ah, tu deves estar procurando o seu Firmino?

– Sim, respondi.

– Claro, vem comigo. – Ele se levantou, abriu uma portinhola e eu o segui. Ele me levou até uma pequena sala, fui sendo guiada entre as celas com diversos prisioneiros, fazendo a sua normal algazarra comigo e com o policial. Chegamos em uma salinha, uma espécie de escritório com uma mesa de madeira no centro. Atrás dela estava um homem anotando diversos documentos.

– Ela gostaria de falar com o senhor, disse o moço da entrada ao delegado.

Ele me ofereceu uma cadeira e eu aceitei. Quando ele me olhou, seus olhos ficaram arregalados. Pediu para que o homem que me acompanhou até ali saísse da sala. Voltando-se para mim, disse:

– Você procura alguma assistência ou ajuda para algum conhecido?

– Não. Como assim? Respondi, meio perdida e confusa.

– É que geralmente me procuram por ajuda. Tenho ajudado pessoas que compartilham de sua “raça” a encontrarem a liberdade mais facilmente. Temos um sistema horrível sendo mantido por um monte de gente poderosa e fui em algumas reuniões com pessoas que são a favor de acabar de uma vez com essa instituição nefasta que reina nesse país. E, bem, tenho usado minha posição para ajudar de alguma forma as pessoas que estão ameaçadas por essa desgraça.

– Ajudar? Eu estava bastante confusa com a resposta do delegado. Ele falava sobre um “sistema horrível”, mas que

sistema seria esse? E por que envolveriam pessoas de “minha raça”?

– Eu os abrigo e os ajudo a se protegerem, a fugirem e se esconderem de seus algozes. Às vezes finjo que os prendo, mas sempre os ajudo com o que eu posso. Ajudo associações que tem se encarregado de juntar dinheiro para comprar a liberdade dessas pessoas. Desde que passaram a Lei dos Sexagenários, essa minha ajuda tem sido possível, já que agora há um preço fixo para a liberdade, bem salgado, é verdade, mas ainda possível de conquistar, respondeu.

Tudo estava confuso para mim, mas eu começava a entender. Naquele lugar, algumas pessoas não eram livres como as outras. Toda a situação me fazia lembrar dos campos de trabalho cibernéticos. Acho que também entendo o porquê de proibirem o ensino da história.

O delegado então continuou:

– Vossa senhoria, pelas suas roupas, parece estar bem. Você é livre? Quer que eu ajude alguém em específico?

Não sabia quem indicar para que ele ajudasse. Mas me lembrei da conversa que escutei de passagem assim que entrei na cidade e resolvi avisá-lo.

– Você, acho que você precisa é quem precisa de ajuda. É... hoje mais cedo, ao chegar aqui, ouvi uma conversa estranha de que algumas pessoas iriam à sua casa hoje à noite e te atacariam.

Imediatamente senti uma fisgada no peito, como se estivesse errada ao dizer isso.

– Ah, não se preocupe, eu sou o delegado. Eu estaria em risco se descobrissem o que eu faço, mas acredito que não tenham descoberto nada ainda. Não se preocupe, devem ser só boatos ou alguma confusão.

Sua resposta, por mais que tenha me deixado preocupada, fez a dor no peito diminuir.

Depois desta conversa, eu me despedi e fiquei de tocaia em frente à delegacia, esperando o tal Joaquim sair para segui-lo até sua casa. Seguir o delegado foi fácil, na minha época, a única maneira de voltar para casa sem ser percebido é seguindo o guarda que mora ao lado. Parece que o mesmo se aplica quando é para sair fora do horário predeterminado. Acompanho Firmino até sua casa, nos arredores da cidade, e fico escondida observando os movimentos até chegarem os primeiros indivíduos, já quando tudo estava escuro.

Cercam a casa dele e o chamam para fora, ele sai com uma mulher, que julgo ser sua esposa. Junto estão duas crianças, ao que tudo indica, suas filhas. Ele não parecia estar esperando aquela multidão formada por mais de duzentas pessoas, todas muito agressivas e nervosas, que gritavam palavras de acusação. Quando o primeiro soco contra ele foi dado, me levantei e corri em direção à sua casa, e então fui imediatamente teletransportada de volta para o meu tempo.

25 de julho de 2125

*****

Estava correndo, desesperada, no meio de toda a confusão, quando retorno à plataforma temporal. Continuo correndo até trombar em uma mesa à minha frente e ver Casio me encarando com um sorriso.

– Interessante que o movimento se mantém, se soubesse eu te retornaria mais cedo, ele disse.

Eu estava na mesma pilha de entulho de antes e Casio estava animado com meu retorno, mas também extremamente cansado. Eu estava indignada.

– Por que me trouxe de volta? – Perguntei com raiva.

– Por dois motivos e graças à um monitor que eu achei aqui, que me deixa observar seus passos, disse apontando para uma pequena tela ao lado do painel de controle da máquina.

– Esse monitor mostra o que você está fazendo além de me avisar se algo dará errado.

– E?

– Ele me avisou que você estava realizando uma grande alteração no plano temporal e que isso poderia resultar na sua morte. E vi o monitor, você lá correndo, sem plano algum para lutar contra um monte de homens ensandecidos, armados e furiosos, tudo para tentar proteger um outro homem que você mal conhecia. Então, eu te salvei, ele explicou.

Mais calma com sua explicação, sem saber se aquilo tinha sido o suficiente, entendi.

– Então aconteceu com ele o que eu penso que aconteceu? – Perguntei, de forma claramente retórica.

– Acredito que sim.

Joaquim foi espancado até a morte eu presumo. Os detalhes e os motivos ainda estão confusos pra mim.

– Ele falava de um sistema cruel, eu queria muito entender sobre o que ele estava falando

– Que tipo de sistema?

– Não sei.

Eu não sabia de que sistema ele falava e precisava de mais informações. Olhei para Casio e pedi o seguinte:

– Me envia de novo, agora para algum ano anterior ao que acabei de ver, mesmo século, mesmo lugar. Talvez eu consiga entender melhor o que estava acontecendo e por que havia tanto ódio entre aqueles fazendeiros de Rio do Peixe.

E ele então começou a preparar a máquina.

– Vou voltar uns seis anos, acho que dá tempo suficiente para entender as coisas. O ano de 1882 serve?

– Claro, não sei o que aconteceu nesse ano.

Subi de volta na plataforma, seus apêndices giraram e fui arremessada de volta ao passado, desta vez em 1882.

26 de agosto de 1882

*****

Apareço em uma cidade bem maior do que a anterior e vejo agora uma grande comoção. Várias pessoas, a maioria de preto, reunidas em uma casa onde pairava um clima triste. Muito triste. Eu consigo imaginar o que causaria essa comoção, alguém importante havia falecido. Quem teria morrido?

Resolvi entrar na casa, pelo menos tentei, várias pessoas à sua porta chorando, não pareciam parentes do finado. Olhei alguns papeis caídos no chão, depois descobri que os tais papéis naquela época eram chamados de jornais, vi de relance a sessão de notícias sobre mortos, que chamamos de obituários. A notícia estava destacada, em letras maiores: Havia acabado de morrer um advogado chamado Luiz Gama.

Consigo me encaixar na multidão e vejo uma família triste junto de algumas pessoas que choravam muito. Consigo ver, de relance, um homem negro, com barba, deitado de forma plena em sua cama. Ao lado dela, havia um caixão e ele foi colocado lentamente neste caixão, enquanto todos ao redor choravam e manifestavam suas homenagens.

Enquanto eu estava nesta aglomeração, em meio à multidão que, comovida por aquela morte, esperava o cortejo fúnebre do advogado, eu não sentia os mesmos olhares de medo e desconfiança para mim como havia ocorrido em Rio do Peixe, no episódio do delegado. Ali, no funeral do advogado havia pessoas de diferentes tipos, diferentes classes, cores, homens e mulheres reunidos ali, todas compartilhando da mesma emoção. Assim que o defunto foi posto no caixão, alguns dos homens que choravam começaram a carregá-lo para fora da casa. A massa de gente foi se abrindo e dando espaço para que aquele célebre advogado fosse carregado. Iniciou-se a procissão, os homens com o féretro seguiram em frente e a multidão os seguiu, silenciosa e triste.

Estávamos na rua do Braz, na cidade de São Paulo, no país que então se chamava Brasil, pelo que pude ver em placas e nos jornais. O lugar que, apesar de ser enorme, se comparada com a cidade que eu estava anteriormente, ainda era bastante pequena se pensarmos na atual megalópole que carrega o mesmo nome em 2125 e compartilha do mesmo lugar. No passado, que eu via com meus próprios olhos, as ruas eram pavimentadas com pedra e algumas eram de terra batida. Um clima de cidade pequena, sabe, nada parecido com o que eu conhecia.

Seguindo a procissão, eu perguntei para a pessoa ao meu lado aonde iríamos. Me respondeu que seguiam para o cemitério municipal. Havia, pelo que entendi um próximo dali, mas estávamos no caminho oposto. Admiti que seria uma longa caminhada. Demorada, no caso. Aproveitei para fazer algumas perguntas, tirar minhas dúvidas com as pessoas ao meu redor. As respostas soavam óbvias, talvez minhas perguntas soassem tolas. Mas eu não sei, conheço algumas palavras, pois as palavras se mantiveram, mas não sei o que significam, principalmente aqui. Eu sei o que é “abolição”, tenho uma ideia do que é “escravo”, mas não sei o que é “alforria”, pensava comigo mesma.

Então questiono as pessoas sobre quem era aquele homem chamado Luiz Gama, o morto que solenemente todos seguiam rumo à despedida final. Fui ignorada ao fazer esta pergunta, pareciam não me ouvir, ou se ouviram me ignoraram. A procissão parecia ser formada por admiradores e amigos, assim, quem não o conhecesse seria ignorado. Então mudei a forma que eu falava, perguntei então:

– Poderíamos celebrar os feitos deste grande homem?

E um homem com os olhos gentis e um sorriso melancólico, olhou para mim e disse:

– Ele se tornou um homem livre e lutou para que outras pessoas também se tornassem livres. Dedicou sua vida a essas lutas, uma vida pela liberdade, disse em voz sóbria e abafada.

É, faz sentido. Abolicionista, advogado, admirado por muitas pessoas, muitas que estavam ali, diferentes entre si, juntas no funeral. Ele usou de sua voz para buscar a abolição, disse o homem para mim. Mas abolição do quê? Daquele sistema que se referiu o delegado Firminio em Rio do Peixe? Continuo em busca de saber exatamente do que se tratava. Imagino que a resposta envolva algum tipo de escravidão.

Escravidão, penso comigo mesma, talvez o significado não tenha mudado muito nos últimos 250 anos, mas no meu tempo queria dizer trabalhar sem ser pago, sem ter direitos, trabalhar para o outro e não para si. Por vezes, escravidão pode significar até ser propriedade de outro, como um bem imóvel, como uma casa, um carro. Esta palavra tem se tornado um tabu, pois, de onde eu venho, do futuro, muitos acusam certos trabalhos existentes de serem equivalentes à antiga escravidão. Os trabalhos nos campos digitais, por exemplo, nas coletas de informação ou nos aquecedores de espaçonaves. Acho que começo a entender o que eles querem dizer. De onde eu venho, as corporações que se aproveitam deste sistema não querem que ele tenha nome. Talvez seja por isso não querem que a gente saiba sobre o passado, sobre o que existiu antes de nós, que tenhamos qualquer consciência sobre esse passado. Será esse o motivo? Será que este problema existia em outras épocas? Será que um problema parecido foi enfrentado pelo advogado Luiz Gama? Será que a escravidão era o sistema principal da época?

Não deve ser uma coincidência esse apagamento da memória. A quem interessa esquecer o passado? Mal consigo estudar a história até o período que ainda é aceito, 2050, e acho que agora entendo o porquê de terem apagado da memória de todos

nós tudo o que veio antes da guerra. Além da escravidão, outros temas devem estar sendo escondidos por detrás dessa cortina de ignorância. Quais serão os temas que não querem que a gente conheça?

– Verdade, grande homem! – repito para a pessoa que conversa comigo durante o cortejo, repetindo os elogios ao advogado morto, na torcida de que continuem falando de seus feitos. Como eu irei conhecer mais do que ele foi? Seguindo seu caixão, pensava comigo. Irei torcer para que uma das carpideiras largasse o choro e me respondesse. Sei que parece cruel, mas às vezes medidas desesperadas tem de ser tomadas para conseguir o que parece impossível.

Então um murmúrio baixo começou ser dito pelas pessoas à minha frente. Primeiro achei que fosse uma prece, mas não, na verdade era o que eu queria, era uma celebração. E neste momento eu percebi um detalhe do mecanismo da viagem no tempo. Há nessa travessia entre os tempos uma espécie de tradutor automático programado, que funciona de maneira perfeita, comigo falando o meu idioma e com eles falando o deles, uma espécie de tradução imediata, sabe? Imperceptível, mas eficiente. Em meio à multidão, foram tantas memórias repassadas entre os seguidores que o tradutor teve até uma dificuldade para traduzi-las. Conseguia entender que falavam a mesma língua que eu, a língua portuguesa, mas de um jeito diferente, com palavras estranhas para mim. Conforme o programa ia se readaptando, eu consegui escutar o que eles falavam.

– Ele foi um grande advogado, a quem ele ajudou? – Perguntou uma das pessoas.

– Aquele carregando o caixão. Não sei o nome, mas ele luta a boa luta.

São sussurros, mas são tantos que soam como gritos. Mas eles duram pouco, eu não consigo as informações que eu

realmente preciso para entender quem era este homem e sua importância. O porquê deste luto generalizado ainda não me foi claro. Pareço repetitiva, mas o fato é o seguinte: eu não sei a importância do homem Luiz Gama. Se soubesse, já estaria aqui escrito, mas um dos objetivos que eu quero cumprir enquanto escrevo este diário é o de testemunhar, junto com quem quer esteja lendo isso. O passado, e nos meus dois dias no passado, eu consigo perceber uma coisa em comum, não é fácil entender o que está acontecendo. Seria mais fácil procurar em uma base de dados, um arquivo, com as informações sobre o período, mas isto é virtualmente impossível, quase todos os acervos foram destruídos no acordo 2067. Os que restaram estão bem escondidos, na clandestinidade, fadados à degradação, lançados ao esquecimento. Muitos pensam que fazer o que eu estou fazendo é um bom método para entender como era o passado, mas não é a verdade. Mesmo aqui, presente, eu me sinto por fora do que está acontecendo na minha frente. Me sinto perdida. Sem conhecer o passado minimamente, ficamos à deriva, como um barco perdido no mar, sem referências, sem qualquer lugar para nos amparar. Náufragos, ilhados, tentando entender o sentido das coisas.

Neste momento carregavam o caixão até o outro lado da cidade. Uma caminhada lenta, triste, o pouco só que é falado ou é acompanhado de uma aceitação derrotista ou lágrimas da mais pura tristeza. Boa parte daquelas pessoas, mesmo as que talvez não tenham conhecido o advogado de forma próxima, pessoal, sentem sua morte. Ele devia ser uma figura importante, que simbolizava algo para toda aquela multidão.

Desisto de procurar informações na multidão e, por sorte, passo na frente de uma banca de jornais, ou seja, no lugar que se vendiam os tais jornais. Pego um exemplar e, como mágica, uma versão holográfica da moeda usada aparece e eu pago o jornaleiro. Um valor pequeno, mas simples para uma

coisa de alta importância. Aquela era a minha chance de ler, de maneira direta, o obituário de Luiz Gama e, finalmente, ter uma boa descrição de quem ele era. Mas acho que vou precisar de mais uma viagem. Uma lenta carruagem me empurrava em frente, então somente segui andando e pulei para a sessão de obituários.

De acordo com o que estava lá escrito, este Luiz Gama realmente merece nosso respeito, mesmo centenas de anos depois. Ele não devia ser esquecido. Nas páginas do jornal dizia-se que ele não foi apenas um advogado. Agora eu entendo o que significou a fala que ouvi em que dizia que ele se libertou e agora traz a liberdade dos outros. Segundo o jornal, ele nasceu na Bahia e ainda criança, aos 10 anos, foi escravizado pelo próprio pai. Foi mandado para São Paulo. De maneira heroica, se libertou aos 17 anos, conseguiu sua "alforria", que parece significar comprar a sua liberdade, ou talvez não, o jornal não se decide contanto a isso, mas ele se tornou um homem livre. Então aprendeu a ler, virou um escritor, poeta, um ativista pela liberdade, uma pessoa que deu a voz a uma causa. Parece ser um dos principais líderes dentre os chamados "abolicionistas".

Pelo que entendi, abolicionismo era o nome da luta pela liberdade, pelo fim do sistema da escravidão. Ele lutava do mesmo lado que o delegado Firmino, que anos depois foi atacado por fazendeiros furiosos da cidade do Rio do Peixe?

Luiz Gama, pelo que li, tornou-se advogado sem ir para uma faculdade de Direito, defendeu os escravizados na Justiça, para que eles conseguissem ser livres. Foi um jornalista importante. Ele morreu aos 52 anos, em 1882, com diabetes. O jornal comentava a comoção pela morte do advogado. No seu velório, uma multidão era esperada. Lá estava eu, vendo aquela multidão, se despendido, um alto número de pessoas na comitiva e eu posso confirmar, além das pessoas a pé, como eu, havia

carruagens e carros funerários. Mas o caixão era carregado a pé, as mãos que o carregam eram regularmente trocadas, ora brancas ora negras, e realizavam um grande esforço, disputavam com força e obstinação a honra de carregar o caixão do abolicionista negro.

Já estávamos na marcha fazia duas horas e comecei a perceber qual o cemitério iriam enterrá-lo. Pelo que entendi, este lugar já não existe mais, pois em 2092 retiraram as lápides e construíram um mega prédio de cem andares por cima. Ou seja, passaram uma grande borracha na memória da cidade e dos que ali estavam enterrados. Ninguém se revoltou por conta das memórias ou das histórias esquecidas, as únicas discordâncias vieram da crença de que o edifício seria assombrado por fantasmas. Mas fantasmas de quem? No futuro, nem isso poderíamos imaginar, pois não sabíamos mais de nada.

Segui na caminhada até o enterro acontecer, pouco de relevante aconteceu, então continuei a ler o jornal, outras partes curiosas me chamaram a atenção. Uma das notícias era sobre o último mês da uma exposição antropológica no Rio de Janeiro, uma das mostras era um zoológico humano. Um zoológico humano!!!! Uma contradição, algo estranho e aparentemente muito cruel. No artigo se falava que o evento faria a exposição de indígenas, selvagens, para serem exibidos a uma população “civilizada”. Segundo a notícia, a exposição fecharia no mês seguinte. Esta exposição teve o aval do imperador da época, Dom Pedro II, para ser realizada. A sua presença na abertura daria importância ao evento. Exposição de seres humanos, como se estivessem num zoológico ou circo? O passado se tornava cada vez mais estranho para mim.

Imperador. Uma pausa aqui para quem, como eu, pode estar em choque com esta revelação como eu estou, isso pode deixar qualquer pessoa confusa. O Brasil era um país comandado por um imperador.

Cada dia se aprende uma coisa nova. Um imperador! Um imperador com coroa, trono, cetro real, cravejado de joias, roupas de cetim e um manto feito com penas de papagaio! Um imperador do Brasil! Quem diria.

Este choque pela forma de governo que existia no Brasil. Essa sensação lentamente se esvaiu e eu não estava mais assustada como antes. Ao mesmo tempo pensava: como pessoas lutavam de forma vocal contra um sistema injusto, cruel e torpe, e, mesmo assim, havia uma pessoa com o poder de acabar com tudo em um só decreto. Um imperador pode acabar com a escravidão? Claro, não sei como funcionava o governo brasileiro dos anos 1800... Vai saber que coisas e interesses impediam que isto simplesmente não ocorresse. Mas, no momento, acho justo o meu questionamento.

Economia e governo são coisas muito complicadas para entender em apenas uma viagem, disso eu sei. Mas acho que, onde estou agora, é um excelente ponto de início, um ponto de partida para conhecer melhor essas histórias desse país que então era uma monarquia. Começar pelos homens que carregavam o caixão do ilustre advogado e que pareciam ter conhecimento e provavelmente poderiam me ensinar como tudo funcionava naquele ano de 1882.

Estamos chegando ao cemitério. Vejo lápides e túmulos, e então paramos em uma cova recém-encerrada. Um dos homens que carregavam o caixão pediu a palavra à multidão.

– Esperem! disse ele que, em seguida, pediu a palavra. Em seu discurso, o homem pedia que a memória do advogado fosse honrada e jamais esquecida. E, antes do caixão ser baixado à terra, as centenas de pessoas presentes juraram perante o cadáver que sua ideia não morreria até se tornar realidade. Fiz o mesmo, não o conhecia, não entendi a promessa completamente, mas compreendi sua importância.

Estava pronta para permanecer no cemitério e me juntar a alguma pessoa, provavelmente o homem que pediu que jurássemos, mas, de novo, voltei num relance para minha época de origem.

26 de julho de 2125

*****

Sou chutada de volta para o meu tempo. Vejo Casio colocando tudo em uma mochila. Assim que eu saí da máquina, ele me olhou e me mandou sair de cima da plataforma. Perguntei o que estava acontecendo e ele me respondeu:

– Descobriram a nossa localização, vamos mudar de lugar. Eu preciso desligar a máquina. E rápido. Não quis te deixar solta no passado.

Entendi, ele até me respondeu o porquê de ter me trazido de volta ao futuro. Agora criou-se um problema. Quando fomos usar a máquina, levamos conosco uma van que não podia ser detectada pelos radares locais. Estávamos prontos para transportar a máquina, caso corrêssemos riscos de ser descobertos. O problema agora era que não tínhamos uma segunda localização, um novo lugar seguro para nos escondermos.

– Vamos levar a máquina? Perguntei.

– Claro, já deixei a porta de trás da van aberta, disse Casio com cara de falando o óbvio. O problema vai ser carregar essa geringonça pra fora de todo esse entulho.

Então ele desligou todos os aparelhos e nós dois começamos o transporte. Primeiro foram dos computadores e monitores, simples, leves, mas já percebemos um grande problema: choveu enquanto estávamos soterrados, ou seja, os blocos de concreto estavam escorregadios como gelo. Carregamos as peças leves facilmente, mas sabíamos da constante ameaça que a plataforma era para este plano de transporte. Isso porque a plataforma era fixa ao chão, presa por uma simples sequência de parafusos, mas estava presa. Depois, ela era pesada, não a ponto de ser impossível o carregamento, mas ainda assim pesada.

Com uma parafusadeira em mãos, Casio desceu para retirar parafuso após parafuso, em um ritmo hipnótico. Seis espirais longas foram retiradas do chão e depois foram todas guardadas em seus bolsos. Levantamos a máquina, seus apêndices balançavam lentamente ao redor do centro. Casio me garantiu que não sabia como separar seus tentáculos do núcleo sem quebrar a máquina. Levantamos com muito esforço aquele negócio enorme e sofremos para carregá-la até a van.

Já no carro, finalmente olhei para o céu. Era uma manhã, mas o céu era cinza, escuro, não com chuva. O céu que vi (e vivi) no século dezenove era limpo, azul, sem tanta poluição. Agora que volto para o meu tempo, percebo o que nós perdemos. Colocamos a plataforma no fundo do veículo. Casio então entrou como motorista e foi dirigindo. Perguntei aonde iríamos e ele respondeu:

– Enquanto você estava viajando, fiquei muito sozinho e resolvi procurar nas nossas redes de comunicação alguém para nos proteger. Achei um senhor, com o nome de Eric Machado, fiz uma checagem profunda sobre ele e acho que é figura confiável. Entrei em contato e ele aceitou nos dar abrigo.

– Chegaremos na casa deste Eric e então...

Pedi para que ele avançasse com seu plano.

– Dormiremos lá e no dia seguinte voltaremos ao nosso plano inicial, disse Casio.

– Pensou em tudo, okay, aceito o que você decidiu, se você confia neste Eric, eu confio também.

Então ele foi dirigindo até a casa daquele senhor misterioso. Recebo em meu relógio a notícia de policiais passando pela antiga escola, trinta minutos depois de sairmos. Ufa, foi por pouco...

A casa do Eric estava a uma hora de distância. Nesta uma hora não consegui conversar muito com Casio, que estava tenso, dirigia com medo, guiado pela pressa e pela paranoia.

E com razão. Eu também deveria estar igualmente paranoica, mas estou muito intrigada pelas coisas que vi e ouvi. Não dava para desistir. Tudo o que eu vi me incomodou, não sabia o que era, o que estava sentindo, mas algo me incomodava. Tudo o que Luiz Gama fez parecia ser nobre. Que outras histórias guardavam aquele passado? Por que tanto esforço para esquecer essas coisas no tempo em que vivemos?

Pelo que eu observei, estando no passado, o trabalho escravo era uma grande parte daquela sociedade, marcava a vida de muita gente. Muitas pessoas lutaram contra um sistema que parecia estar baseado na violência, na opressão e destruição da liberdade. Era um absurdo. A pergunta que não saía da minha cabeça era como aquela luta pela liberdade acabou? Como aquele odioso sistema, que escravizava pessoas, terminou? Outra pergunta ainda mais insistente na minha cabeça era o que qualificava alguém para ser escravizada? Por que Joaquim, ao me ver na delegacia, achou que eu também estava procurando ajuda? Há algo mim que me aproximava daquele sistema? O que ameaçava minha liberdade? Continuávamos andando, subimos ruas complicadas e estreitas e finalmente chegamos à casa de Eric. Era uma mansão, grande, parecia ter sido construída bem antes do cataclisma, um pátio com uma rotatória exclusiva se espalhava após um portão que se abriu assim que chegamos. A casa tinha três andares, era bege, certamente fora branca antes. Casio estacionou a van na frente da porta e tocou a campainha. Esperamos. Esperamos por cinco minutos até a porta ser atendida, mas ouvíamos sons altos e estabanados dentro da mansão. A porta foi aberta e um homem na casa dos seus 50 anos de idade nos atendeu.

– Vocês devem ser Casio e Luz, presumo, disse o Homem com uma voz rouca e cansada.

Respondemos que sim, ele nos convidou para entrar. A sala era enorme e seu pé direito ia até o terceiro andar.

– Vamos ficar aqui no primeiro andar mesmo, sou uma pessoa só cuidando desta casa enorme, a parte de cima está precisando é de um bom restauro. Me sigam, vou mostrar o quarto de vocês.

– Como que você é o dono desta casa? Perguntei a ele, enquanto o seguia por um interminável corredor.

– Minha avó era empregada da família que morava aqui antes do cataclisma e esta família foi alvo de um ataque quando o evento ocorreu. Minha vó se escondeu muito bem e foi a única pessoa viva depois do ataque. Usucapião e blá-blá-blá, esta mansão foi passada para minha família. E, bem, a parte de fora e este andar são os únicos mantidos limpos e habitáveis porque eu moro em uma mansão, mas não tenho dinheiro. – Dizia com um sorriso hospitaleiro.

A casa era pré-2050, isto explicaria o interesse de Eric no mundo anterior ao deste evento.

Chegamos no quarto, duas camas e um pequeno guarda-roupas. Eric disse que seria para dormirmos um pouco, para descansar da jornada. Guardamos nossas malas e mudas de roupa e aí ele se virou e disse:

– Eu tenho o lugar perfeito para instalarem a máquina, peço que me sigam.

E de novo o seguimos, por corredores fechados, escuros, úmidos e claustrofóbicos, até chegarmos em uma sala com estantes, nestas estantes estavam vários livros. Era uma biblioteca! Só tinha visto uma daquele jeito em fotos. Era um verdadeiro oásis! Incrível! Enorme! Linda e fascinante. Fiquei imaginando a quantidade de conhecimento dentro de cada um daqueles livros, enfileirados, esperando para serem explorados. Seriam aqueles livros quase como máquinas do tempo também?

– Este é o cômodo em que eu tenho mais trabalho para manter, papel se degrada em alta umidade e se desmancha quando

tá tudo muito seco. Fora a poeira! E que poeira! Dos cinco mil livros que resistiram desde o cataclisma, perdi só cem. Disse Eric com orgulho de seus cuidados com a biblioteca.

– Estes livros são...

Antes mesmo de eu perguntar ele respondeu:

– Sim, foram escritos e publicados antes de 2050. Alguns, inclusive, são de história.

Ele tinha uma mina de ouro em sua casa e sabia disso.

– Nessa área aberta aqui, vejam, eu ajudo a montar a máquina. Podem colocar ela aqui, apontou para o novo lugar onde instalaríamos aquele monstrengo viajante do tempo.

Descemos a máquina da van e fomos à biblioteca para começarmos a instalá-la. Uma dúvida me surgiu e perguntei se ele leu os livros ali presentes. A biblioteca não me saía da cabeça. Ele respondeu que sim, principalmente os de história. Segundo ele, era por isso que levava uma vida ao estilo dos eremitas. Sozinho, distante do resto do mundo, enfiado no passado muitas vezes. Respondi que o entendia.

Assim que terminarmos de instalar a máquina, com certeza vou perguntar a ele sobre o que movia a economia no século XIX no Brasil, o que era o tal “sistema” contra o qual lutava Luiz Gama e o delegado Joaquim Firmino, de Rio do Peixe. Talvez ele tivesse uma resposta. Alguém que leu a história vai apreciar outro alguém que a viu tão de perto quanto eu. Ler a história e viver a história, como juntar essas pontas para ter as respostas?

Assim que terminamos de instalar a máquina, ele nos convidou para o jantar. Em seguida nos preparamos para dormir, o dia seguinte ia ser longo. A ideia era voltar para nossa aventura ao amanhecer.

Foi um bom dia, por incrível que pareça.

27 de julho de 2125

*****

Acordei e já fomos para a biblioteca, Eric já nos esperava lá. Segurava uma xícara de chá enquanto folheava lentamente as páginas de um livro. Olhou para mim e perguntou:

– Você fez o que todo mundo que estuda história quer fazer, sabia? Você viajou para que época?

– Século dezenove, respondi de maneira direta.

Ele claramente queria fazer perguntas, eu não o interromperia.

– Hmmm, o que você viu lá?

Não haveria como eu responder esta pergunta de maneira precisa, já que muita coisa eu não havia entendido direito.

– Vi pouco, mas estou cheia de dúvidas. Naquela época, o quão comum era a escravidão?

– Como? Respondeu confuso.

– Pois bem, quando eu estava lá, encontrei duas figuras que lutavam, de formas diferentes, contra a escravidão. Diziam ser abolicionistas. Um deles teve um grande funeral, o seu nome era Luiz Gama. O outro era um delegado de polícia, prestes a ser linchado por uma multidão de fazendeiros furiosos e seus capangas, porque era acusado de ser abolicionista e de proteger pessoas que queriam ser livres.

– Ah, pois bem... Então Eric começou a explicar o que sabia.

– Basicamente, pelo que li, uma das principais formas de trabalho no Brasil daquela época, especialmente na agricultura, mas também nas cidades, nas casas, nas ruas, no comércio, era a escravidão. A escravidão existiu no Brasil por um longo período, por mais de 3 séculos. Muitas pessoas enriqueceram às custas do trabalho escravo. Fazendeiros de café, cana-de-açúcar e tantos outros. Nos últimos anos do

século XIX, cresceu uma série de movimentos contra a escravidão, que lutava pelo fim desse sistema. Eram movimentos antiescravistas. Essa luta ganhou muita força entre as décadas de 1870 e 1880. Foi pra esse período que você se transportou, não? Luiz Gama foi uma das principais figuras desses movimentos. Homem negro, ex-escravo. Nos livros que tenho, poucos detalhes são ditos sobre ele, mas foi um advogado que defendeu muitos escravizados na Justiça. Muitos que estavam sendo escravizados ilegalmente, ou seja, sem respeitar as leis do país. No Brasil muitas pessoas foram escravizadas contra as leis da época, sabia? Desde 1831 era proibido entrar novos escravos no país, mesmo assim até 1850 muitos africanos foram contrabandeados e escravizados ilegalmente. Um horror. Muita gente enriqueceu usando o trabalho escravo, explorando ilegalmente milhares de pessoas. Luiz Gama escreveu artigos de jornal em defesa da liberdade e denunciando essas ilegalidades.

Entendi agora a importância econômica da escravidão para aquela sociedade, mas não seus detalhes. Insisti assim nas perguntas:

– Que tipo de pessoas eram escravizadas? – Perguntei. Perguntei por perguntar, nunca esperaria a resposta que Eric deu.

– Basicamente, africanos, seus filhos e descendentes, nascidos no Brasil. Entre os séculos XVI e XIX no Brasil se formou uma grande rota de comércio que escravizava africanos, trazendo-os à força para as Américas, atravessando mares e oceanos, em barcos lotados, fétidos, verdadeiras máquinas do horror. Muitos vieram para o Brasil, quase 5 milhões no total. Ao longo do tempo, conforme mais escravos existiam no país, a cor da pele, negra, passou a ser tomada como sinônimo de escravidão, colocando em risco a liberdade de muitas pessoas negras, inclusive as livres. Eu sei que as divisões raciais

foram substituídas nos últimos tempos, mas no mundo antigo eram algo importante, a cor, os detalhes do rosto, coisas do tipo eram importantes nas divisões e hierarquias sociais. Um mundo de preconceitos, baseado em ideias racistas. Esse era o vocabulário da época.

– Como assim? perguntei

– Realmente, nosso mundo até superou esse aspecto, não? Pelo menos na superfície, vendo assim se vê apenas o preconceito por classe social e xenofobia, mas não sinto que seja tão simples assim, sinto que voltamos para a escala zero, e que há sim racismo, só não percebemos, não é obvio. Talvez ele seja mais uma das coisas que são camufladas, escondidas ou apenas trocaram os nomes...

Ele olhou para mim, pensou e disse.

– Aposto que você recebeu alguns olhares estranhos enquanto esteve no passado, em especial por aqueles que costumam escravizar pessoas. Aposto que em um ambiente mais compreensível você foi melhor aceita, aposto que no velório de Luiz Gama não se sentiu com olhares de adaga, aposto ainda que o delegado Firmino te tratou de forma bem diferente daqueles senhores fazendeiros, que defendiam a escravidão.

– Agora faz sentido, tudo o que eu experimentei no passado faz sentido.

Olhei para Casio e pensei “para quando eu vou ser enviada?” Agora nós temos um guia. Não posso me colocar em perigo. Acho que, por conta dos mecanismos da máquina, eu vou estar segura. Gostaria de ver como foi a luta das pessoas escravizadas contra aquele sistema tão brutal.

– Como resistiram nos últimos momentos? perguntei ao Eric. E emendei:

– Você sabe um lugar e um ano que seja interessante para eu me infiltrar como escrava? Gostaria de entender como as pessoas que foram escravizadas lutaram pela liberdade Seus

olhos se esbugalharam, não acreditava no que eu havia falado. Ele provavelmente pensava que nenhuma pessoa gostaria de se ver nesta posição.

– Você sabe, para poder entender melhor como os próprios escravizados agiram para derrubar esse sistema tão cruel, disse tentando explicar a minha escolha.

– Faz sentido, disse Eric. Mas tome cuidado e se proteja da violência daqueles que escravizam. Eles são perigosos e ardilosos. Vá para esta data aqui.

Dizendo isso, anotou em uma folha de papel o momento para o qual deveríamos ir.

– Você coloca na máquina, Casio? Manda ela para a data que está aqui neste papel.

Casio recebeu a mensagem, fez que sim com a cabeça e subi na plataforma. Lá íamos nós de novo, rumo ao passado.

– Vou checar se o holograma consegue mudar o visual da roupa, acho que o seu vestido não irá se encaixar muito no cenário e no seu novo propósito, disse Casio.

E então ele apertou o botão, os braços giraram ao meu redor e um clarão me dominou.

31 de outubro de 1882

*****

Chego no local, o holograma tremia mudando de forma, de um grande vestido para uma roupa que parecia um saco de pano grosso, branco, meio desgastado. Estava agora vestida de forma completamente diferente. O luxo tinha ido embora. Em roupas simples, pobres, eu voltava ao passado. Estava em uma casinha pequena, que julgo ser uma senzala. Eric havia me explicado que era nesse lugar que os escravizados habitavam nas fazendas. Muitas pessoas, agrupadas, preparavam barricadas nas janelas e nas portas. O ano era o mesmo em que Luiz Gama morreu, mas o cenário agora era totalmente diferente.

– Pontes chamou gente pra atacar! gritou um dos homens, que segurava uma garrucha.

Pelos diálogos, Pontes parecia ser o nome de um dos donos da fazenda, eu apostei.

– Vamos nos defender, vamos!, gritou um dos homens nas barricadas.

Então se prepararam com armas de fogo, enxadas e coices, tudo o que estava à mão virou arma para se defender e atacar. Aquelas pessoas se preparavam para o combate.

Assim que Pontes chegou, minhas suspeitas de que era o dono do local foram confirmadas. Então começou uma intensa troca de tiros e gritos de “Mata branco!” e “Viva a Liberdade!” ecoaram por todo o lugar. Me escondi atrás de um barril e fiz uma barreira com sacas de farinha que lá estavam soltas. No final dos confrontos, dois morreram e três se feriram, mas conseguiram se defender. E eu saí ilesa. Ufa! Essa história sempre me colocando em apuros.

Com o cerco concluído, um dos homens olhou para todos nós e pediu para que nós o seguíssemos. Eu segui o restante das pessoas. Fomos andando e vi que estávamos em uma fazenda,

uma das placas tinha seu nome, “Fazenda Castelo”. Eu ainda continuava sem entender para onde ia o grupo que tinha acabado de enfrentar seus adversários.

Apesar de sermos uma centena de pessoas, andávamos em bom ritmo, com poucas paradas, para ouvirmos as instruções de um homem que parecia ser o líder do movimento. Seu nome era Felipe Santiago e ele falava de forma bastante mística sobre os problemas em que estavam enfrentando, sobre o mal da escravidão, dos maus tratos que eles enfrentavam e explicava o que nós deveríamos fazer dali pra frente.

Rumávamos em direção a outra fazenda, até que um homem sussurrou ao ouvido de Felipe alguma coisa, ao que este se virou para nós e disse:

– Infelizmente, como meu grande amigo José Furtado acabou de me avisar, os escravos da fazenda vizinha, aos quais iríamos nos juntar nessa revolta, não estão prontos para nos receber. O plano não saiu como esperávamos.

Disse isso de forma calma, mas agora puxava o ar para evocar um grande brado de poder. O tal José Furtado parecia conhecer a fazenda como a palma de sua mão, além de fazer as conexões entre as outras roças. Ou seja, parecia ser o segundo homem no comando de toda a ação, um homem livre que trabalhava na fazenda e era próximo dos escravizados.

– Vamos para Campinas então! Mudanças de planos! Vamos resistir! De lá deteremos qualquer um que se coloque a nossa frente para nos impedir! Viva a liberdade!

Um entusiasmado urro foi dado pela multidão, como se fosse uma celebração. Mudamos de direção, mas não por muito tempo. Campinas, cidade que ainda existe por nome, mas agora é apenas um bairro da megalópole que é São Paulo, parecia não estar muito longe da fazenda Castelo. Estavam todos indo para lá atrás da chance de serem livres de fato.

Pelo que pude entender, todos ali decidiram se rebelar contra a escravidão, pegando em armas e enfrentando os poderes dos fazendeiros locais. A estratégia era arriscada, pois colocava a vida de todos em risco. Mas o objetivo parecia valer a pena. Entusiasmados na luta pela liberdade, eles seguiam em frente. Ao que tudo indica, parecia um plano coletivo, que reuniria diferentes fazendas da região, que se uniriam contra a escravidão e contra os senhores locais.

Continuamos em bloco até chegarmos em uma outra casa. Em frente a ela Santiago disse:

– Vamos limpar a sujeira! Entre nesta casa e acabe com os cumplices do profano!

Fiquei de fora, junto de alguns outros que não entraram na casa, ouvindo gritos por socorro. Olhei para uma das pessoas que não entraram na casa, um senhor de idade, usava uma muleta e assistia o que acontecia como eu. Ele disse:

– Você parece assustada com tudo isso.

– Sim, e não entendo, o que está acontecendo, o porquê disso?

– Ah, é simples, estamos seguindo o Felipe porque prometeu aos que ainda estão escravizados a chance de se libertar, de lutar contra os que nos oprimem. Ele começou a me explicar.

– Pense assim, no mundo ideal não teríamos de fazer isso, pois no mundo ideal não seríamos escravos, mas bem, eu já sou livre, mas estou velho demais para ajudar.

– Logo, vocês apelam para a violência? Perguntei.

– A escravidão por si só já é a violência. Mas nem todos se rebelam desta forma. Alguns fogem sem deixar rastros, outros formam quilombos, alguns tentam o diálogo e a negociação, mas se o diálogo funcionasse já estaríamos todos livres há anos, já que esse sistema é um abuso contra a humanidade que não aceita negociações. Eu me livrei com o

dinheiro, minha vida toda fiquei atrás de conseguir minha alforria, mas foi tudo muito doloroso, demorado e difícil, desabafou ele. Outros vão à Justiça brigar contra os abusos de seus escravizadores... enfim, são muitos os caminhos pelos quais aqueles que são escravizados lutam pela sua liberdade.

Fiquei calada, não tinha o que dizer, este homem viveu uma vida toda tentando se libertar sem fazer parte de nenhuma revolta, mesmo assim compactuava com o sentimento. Não tem com o quê discordar, pelo diálogo é impossível e pelo sistema se gasta uma vida, as duas maneiras seria a revolta ou a fuga, e como ele disse, nem todos conseguem fugir ou entrar na justiça para fazer valer os seus direitos, e as revoltas, são muito arriscadas, muitos temem serem punidos com a morte, ou pior.

Saem da casa completamente ensanguentados, pelo jeito. Bem, não quero dizer o que penso o que ocorreu. Os líderes que estavam na casa saíram e com mais uma ordem de guerra, fomos para o centro de Campinas.

Chegando na cidade ao anoitecer, fomos cercados por policiais, alguns rebeldes se entregaram, outros tentaram resistir, mas a maioria foi presa. Eu fui ignorada, me distanciei e pedi para voltar para o meu tempo. Acho que entendi o que eu precisava. Entendi até que ponto as pessoas eram levadas na escravidão, como colocavam suas vidas em risco para conseguirem sua liberdade. Não se importavam se morriam ou se eram presos, se matavam ou se fugiam, qualquer situação era melhor do que a que viviam.

Meu pedido de retorno foi atendido.

27 de julho de 2125

*****

Volto para biblioteca, estava abatida, assustada com tudo o que vi. Era muito sofrimento. Olho para Eric e pergunto:

– A escravidão levava o povo ao extremo para fugir dessas condições, disse, repetindo minha conclusão.

– Fugir, sim, sim. Houve algum caso de fuga?

Olho para Eric esperando a resposta, que me encarou e simplesmente fez que sim com a cabeça.

– Ocorreram muitas fugas ao longo da escravidão. Elas se acentuaram muito, rumando para a cidade de Santos, alguns anos depois do incidente que você viu. Em 1887 as fugas em massa começaram a acontecer. Grandes grupos de escravizados, juntos, caminhando pelas estradas de cidades como Campinas e Limeira rumavam para o Quilombo do Jabaquara em Santos. Um grito final por liberdade, uma resistência coletiva, abandonando as fazendas.

Pergunto mais sobre as fugas, imaginando que deviam ser mais tranquilas que a revolta que presenciei na Fazenda Castelo. Joaquim, o homem que eu vi prestes a ser linchado, ajudava as pessoas escravizadas que fugiam. Luiz Gama parece ser um homem que fugiu e se tornou um advogado pela liberdade, atuando nos tribunais para enfrentar a escravidão. A fuga devia ser mais um capítulo dessa história que esconderam de nós.

– Acho que dei a data certa para o Casio, não tenho total certeza, mas eu acho que talvez demore para você ver a fuga, fique atenta nas madrugadas, disse Eric.

25 de maio de 1887

*****

Chego em um lugar parecido com o da última vez, vestida como antes, mas agora está a noite e o calor abafava o local. Agora sinto o movimento, mas é silencioso, vou de forma rasteira atrás deles, cochicham, o que dificulta a tradução, mas entendo que estão repassando uma forma de plano, sobre como podem chegar em outros lugares. Um dos homens, que parece ser o líder, apontou que recebeu contato de outros para a se encontrarem em um ponto para que pudessem ir juntos até certo lugar. Se agraciaram como sortudos nesta aventura se comparados aos de outras fazendas, que parecem estar mais distantes.

Todos estavam em silencio, nem todos estavam envolvidos, muitos ficaram na senzala, alguns ainda dormiam. Por isso meu silêncio para segui-los era mais importante ainda. Na fazenda o silêncio era tanto que o chiar dos grilos era ensurdecedor. Vagalumes eram as únicas luzes além das estrelas em um céu de lua-nova. Caminhavam descalços e agachados, se escondendo de um hipotético guarda.

Os segui sem ser percebida até chegar em uma cerca, onde lá esperava um homem sentado que os cumprimentou e me viu escondida atrás de um pequeno monte de feno. Olhou para mim e perguntou:

– Está com a gente ou vai nos atrapalhar? Em um tom agressivo.

– Estou com vocês, eu vi o movimento e decidi me juntar, respondi com um engasgo nervoso em minha voz.

– Já viram ela? ele perguntou para os demais fugitivos.

– Não, mas não me parece pessoa ruim, respondeu um dos homens, me salvando, pois após esta resposta o homem na cerca desceu para me cumprimentar.

– Prazer, vou ajudar no transporte até Jabaquara, seu nome é?

– Luz, respondo.

A partir deste momento iniciou-se a nossa jornada. Uma massa de pessoas se pôs a caminhar pelas estradas em busca da liberdade, abandonando o trabalho nas fazendas. O homem nos ajudou a pular a cerca e então nos guiou naquela jornada.

– Para onde nós vamos?

– Para o Jabaquara. Ele respondeu.

Olhava para o meu lado e via um pouco de estrada ao lado que a gente propositalmente evitava. As únicas vezes que nós passávamos pela estrada foi para cruzá-la. Jabaquara, o que era? Perguntei isso para o homem.

– Uma vila, uma comunidade, nós abrigamos e mantemos vocês livrem até se tornarem livres por lei, respondeu.

Um grande problema de tentar conversar com as pessoas aqui é que as pessoas assumem que você já sabe o que está acontecendo, e não posso fazer mais perguntas, isso claramente vai me deixar suspeita. Se eu olhar para este homem e falar que sou uma viajante no tempo tentando entender como que as pessoas escravizadas fugiam e para onde iam ele vai me achar louca, com razão. Então segui atrás dele, sem muitas perguntas. Mas ouvi uma conversa interessante entre os fugitivos e o guia.

– Depois de eu ser liberto, como que vai ser? perguntou um dos fugitivos.

– Bem, claro, se conseguirmos pagar pela alforria, vamos ajudar vocês a arrumar empregos, mas agora como homens livres, respondeu esperando uma retaliação, que recebeu. Vamos lutar contra a escravidão até o fim, este sistema não se sustenta mais.

– O que vocês acham que farão os senhores com todas essas fugas que estão acontecendo? Perguntei.

Perguntei assumindo que as fugas eram comuns, foi o que eu entendi pela explicação de Eric. Se não fossem receberia olhares estranhos, como se estivesse inventando um fato, mas não foi o caso. Pelo jeito as fugas eram comuns e nosso guia tinha uma resposta na ponta da língua.

– Eles não vão fazer nada, não podem fazer nada. Acabou, a escravidão não se sustenta mais, respondeu com uma confiança interessante. Olhe ao seu redor! Acabou! Decidiram parar o sistema, abandonar as fazendas, para colocar um ponto final na luta.

A caminhada continuou por mais quatro horas até que chegamos na comunidade em que ele falou, com uma plaquinha na entrada anunciando seu nome de "Quilombo do Jabaquara". Assumo que ele não falou quilombo por assumir que eu já sabia, se não fosse por Eric eu não saberia. Era um lugar simples, algumas casinhas, nada demais, exceto pela gente que andava. O guia nos levou até o centro da cidade e pediu para que nós esperássemos que ele chamaria alguma autoridade do local. Mas infelizmente algo de ruim aconteceu no futuro e fui proibida de continuar. Eu posso ficar uma semana aqui no passado, diz as especificações da máquina, mas nunca vou ficar mais de um dia pelo jeito, ou é muito perigoso ou algo acontece, espero que não seja grave.

28 de maio de 2125

*****

Chego de volta na biblioteca e olho para Eric que dormia e em uma poltrona inclinável. Olho para o lado e vejo Casio dormindo em cima dos computadores da máquina e já entendi o que aconteceu. Coitado do Casio, mas a culpa foi dele, mesmo sem querer fazer isso, caiu de sono e sua cabeça bateu exatamente na tecla que faria com que eu retornasse ao presente. É muito tempo acordado e só uma noite de sono. Acho que, por conta das viagens, não estou com muito sono. Decido fazer um café da manhã esperando eles acordarem, pois se não acordaram com o brilho e barulho da máquina me devolvendo ao presente, eu acredito que estão com muito sono.

Depois deles acordarem, chamo todos para o café da manhã. Casio se desculpa por me devolver antes da hora, promete que não vai dormir desse jeito novamente. Perdoei, fiquei com dó. Olho para Eric e descrevo o que me aconteceu.

– Que sorte, só coloquei uma data aleatória, sabia que nessa região estava tendo muitas fugas nesse período, então assumi que você iria encontrar pelo menos uma delas, ficando a semana inteira lá. Olhei para ele um pouco irritada, mas entendi. Tudo o que eu vi parece ser por de baixo dos panos, não teriam muitos registros, ainda mais agora.

– Entendi, mas bem, tem uma data precisa para mim? Perguntei.

– Como assim? Ele respondeu com uma pergunta

– Assumo que uma hora essa tal de escravidão acabou, não? Os escravizados estavam abandonando as fazendas, afinal de contas. Tem como você me dizer a data em que tudo isso acabou? Perguntei de forma mais direta. Quando acabou e como acabou, eu só penso nisso nesse momento.

– Sim, dia 13 de maio de 1888, Casio! gritou Eric para o meu amigo e eles começaram a cochichar entre si.

– Luz, suba na máquina, vou te levar para a Abolição, disse Casio.

Voltamos para a biblioteca e estava preparada para ver o fim daquele sistema horroroso e cruel, que tantas cenas de violência e exploração criou. O fim do sistema que levou as pessoas ao limite da paciência e se revoltassem sem cuidado para a própria vida, que fez com que pessoas se arriscassem na mata escura, mesmo com guias, para fugir de um lugar terrível. Eu queria muito ver este final.

08 de maio de 1888

*****

Chego no Rio de Janeiro, o holograma me projeta com o vestido de luxo. O centro da cidade está movimentado e os jornais nas bancas dizem que o dia era 08 de maio e não 13 de maio, como queríamos. Casio errou o dia, faz sentido, estava morto de sono. Por sorte não perderei muito, pois a principal matéria das gazetas e dos jornais da cidade é a discussão na Câmara dos Deputados sobre a lei da abolição, foi chamada de Lei Áurea. A sessão começaria em instantes e estando eu no centro da cidade, perto da Câmara, segui para o majestoso prédio e me surpreendi com o fato de estar aberto para parte do público.

Ativistas e jornalistas tinham acesso livre à Câmara para assistir à sessão. A assembleia estava começando os debates e trâmites usuais. Me preparei para me apresentar como uma jornalista, fiz isso para conseguir entrar no plenário, trabalho de espiã, mas fui surpreendida com a atualização de que seria aberta ao público. Então entrei sem problemas. Um homem dizia que a lei estava em discussão. Subiu ao palanque um homem chamado Joaquim Nabuco, deputado pelo que entendi, abolicionista certamente, que começou seu apaixonado discurso a favor da aprovação da lei.

O público presente na casa vibrava a cada pausa. Sua defesa a favor da lei era forte e implacável. Aquele homem, Joaquim Nabuco, explicava o que ele pensava sobre a lei e como para ele a abolição não era apenas uma questão de dignidade humana, mas também econômica. Que o progresso de uma nação dependia da liberdade de sua população.

Então iniciou-se o debate com pontos e contrapontos. Uma minoria da câmara era contra a abolição, mesmo diante do clamor público pelo fim da escravidão, alguns homens, conservadores, insistiam em defender aquele sistema

horroroso, pois diziam que a economia iria quebrar sem a mão de obra escrava, ou que os escravizados, ao serem livres, não iriam querer trabalhar. Um dos argumentos contra a lei usado por um deputado era a preocupação com o destino das pessoas libertas que estariam soltas sem A fala foi recebida com desaprovação pela maioria do público ali presente.

– Agora tens compaixão pelo escravo, perguntavam ironicamente deputados e abolicionistas com um grande sarcasmo.

Mas ao fim, a lei foi aceita para a promulgação, a votação ocorreria no dia seguinte, mas a vitória estava no horizonte. A maioria parecia querer o fim da escravidão. Saindo da assembleia, uma festa se inflamava. Era a alegria pelo fim da escravidão que tomava as ruas do Rio de Janeiro e talvez do país todo. A lei seguiria para o senado e depois para a assinatura da princesa, filha do Imperador D. Pedro II.

Foi bom ver um pouco de felicidade. Sabendo que em cinco dias a lei seria aprovada, eu só pensava em como aquele dia entraria para a história. Não sei como foi o futuro, depois da Abolição, não sei se o país que escravizou tanta gente, por tantos séculos, tomaria medidas para incluir os libertos, dar cidadania, terras e escolas. Será que foi isso que aconteceu? Um olho no passado, outro no futuro do Brasil sem a escravidão. Como foram os caminhos? São tantas perguntas... Se não a máquina, espero que os livros de Eric me ajudem nessa tarefa. Eu preciso saber...

E por meio do acaso me puxaram de volta para o meu tempo.

28 de julho de 2125

*****

Apareço a tarde, próximo do horário do almoço.

– Errei a data na máquina, perdão. Disse Casio, olhei para ele e respondi:

– Não precisa se preocupar, já vi o que queria, adorei ver a lei da abolição ser passada na câmara... Fui interrompida então por Eric:

– Mas você não viu tudo, pois acho que teve só a assinatura dentro do palácio no dia treze, mas o povo comemorou depois. Ele pegou um dos livros na estante, dentro havia uma foto. Nela um palanque em meio a uma multidão, pessoas de diferentes cores e classe, celebrando a Lei Áurea. A rua estava tomada de alegria e festa. A foto era do dia 17 de maio de 1888, é o que diz no verso, fala que é no Rio de Janeiro. Parece ter sido um dia de grande festa, mas eu não sei maiores detalhes. Imagino a alegria no Brasil quando se colocou fim no sistema deplorável da escravidão.

Ele me entregou a foto e disse:

– Encontre essa aglomeração, por favor, mate minhas dúvidas sobre esse dia, você pode.

Fiz que sim com a cabeça e olhei firme para Casio, que simplesmente ligou a máquina de volta e gritou que tinha certeza na data desta vez.

15 de maio de 1888

*****

Novamente no Rio, mesmos trajes de antes, vejo uma grande aglomeração, mas não tão grande quanto a foto que Eric mostrara, mas era pequena. Era um grupo de pessoas celebrando, elas estavam festejando, mas não fixas, estavam claramente indo para algum lugar, soltando confetes e cantarolando. Páginas de jornais caídos ao chão divulgavam uma missa campal em homenagem ao 13 de Maio, com a presença ilustre da senhora Princesa Isabel, jornalistas e o povo, principalmente o povo. Não conseguia ler o endereço, li que era em São Cristóvão, o nome não me é estranho, algumas pessoas mais velhas chamam a região do mega prédio B89 com este nome, mas como era uma missa, poderia muito bem, estar se referindo ao santo em si. Mas eu não me enrolei lendo o jornal caído ao chão.

Sem mais delongas, pergunto ao grupo festejando se estão indo para a missa, disseram que sim e me deixaram ir atrás deles. Andamos bastante, mas eles pareciam acostumados, pareciam festejar há mais de uma semana, quando os questionei sobre o tempo em que ficaram comemorando isto foi confirmado, uma semana de exaltação, de felicidade. Festejavam a liberdade e lentamente esse grupo em que eu estava foi aumentando de tamanho, o coro musical foi tomado por diversos tons, as vezes dissonantes uns dos outros, mas todos recheados de alegria, a música mais triste ainda era cantada com um sorriso no rosto.

Enquanto caminhávamos nos encontramos com outros grupos e lentamente formamos uma aglomeração, alguns oravam, alguns celebravam, outros choravam. Oficialmente estava acabada a escravidão no Brasil. Como dito, a pessoa mais triste ainda era a mais alegre, a mais miserável ainda sorria. Andamos bastante até chegarmos no local, lendo as placas reconheci

confirmei que São Cristóvão era o local onde seria realizado o evento.

Chegando na missa em um campo aberto, no qual um palco foi montado de forma improvisada, podíamos ver várias figuras, mas o foco estava em uma mulher muito bem-vestida:

– Olha a princesa! Gritaram ao meu lado.

Mas ela não estava sozinha. Muitos outros grupos, políticos, jornalistas, abolicionistas se juntavam a ela, eu conseguia ver ao longe o homem que bravamente discutiu na Câmara dos Deputados, perto de outras pessoas que eu não conseguia distinguir por estar muito longe. Mas estavam ali, me disseram, figuras importantes, abolicionistas negros, líderes do movimento, como José do Patrocínio, grandes escritores negros, como Machado de Assis, que também lutaram pela liberdade. Mas o mais impressionante era o povo. O povo nas ruas, numa onda de felicidade e comemoração. Muitos homens e mulheres de todas as origens e cores comemoravam aquele evento histórico. Lágrimas de alegria, bandas de música, discursos, muitos discursos. Parece-se que tudo foi festa naquele dia.

Me lembro da foto que Eric me mostrou, estava no momento certo, dava para ver os estandartes e bandeiras, bandeiras de países, instituições religiosas, todas balançando tentando ficar à mostra, todos tentavam ocupar a cena. Casio não errou a data dessa vez. Que grande comemoração! Eu vou estar no fundo daquela imagem, em algum lugar no meio da multidão? Estou longe do palco, talvez a câmera não me pegue, talvez o holograma não permita o registro. De qualquer maneira, sinto que agora faço parte dessa história, por mais que tentem escondê-la ou esquecê-la. Não só porque eu estava lá, mas porque sei que aconteceu, porque está registrado em minha memória. No meio da folia caiu um jornal na minha frente, lá se falava sobre o dia da Abolição, sobre o 13 de Maio.

A missa já está prestes a começa, mas antes que o sermão do padre começasse, fui puxada de volta para meu tempo.

28 de julho de 2125

*****

Eric me recebeu e perguntou da foto.

– Era uma celebração, uma missa, em homenagem ao fim da escravidão, uma grande comemoração, você estava certo, respondi.

– Bom saber, mas, bem, desculpa te tirar do passado tão cedo, mas o gasto de energia está muito alto, Casio explicou com um sorriso no rosto cansado, exausto na verdade.

Casio saiu de trás do computador e me explicou que viajar três vezes no mesmo dia gerava uma sobrecarga elétrica e que isto poderia causar um grande foco e chamar atenção das autoridades. E manter uma viagem também é muito pesada na rede elétrica.

Isso não proíbe, entretanto, que eu viaje mais no futuro. Temos a biblioteca de Eric e toda a história humana para descobrir e anotar. Serão muitas viagens nos livros de história que temos na casa de Eric.

– E para essa viagem em páginas de livros não gastaremos nada de energia elétrica, brincou Eric.

– Mas ver ao vivo o passado também tem sua dose de emoção, conclui Luz.

– Viajaremos mais depois, temos todo o tempo do mundo, temos uma máquina do tempo afinal.

– Qual será nosso próximo destino?

Material de apoio aos professores

Este material paradidático tem como objetivo propor estratégias para abordar o tema da Abolição nas aulas de história, para além dos livros didáticos e aulas expositivas. A ideia é tornar as aulas mais lúdicas e dinâmicas. Além disso, a obra *Luz na História* pretende estimular a leitura e o interesse dos alunos pela literatura, promovendo novos olhares para a ficção e seu potencial para discutir temas da história. A narrativa que apresentamos contempla episódios importantes do processo de Abolição no Brasil, mostrando diferentes momentos, personagens e tipos de lutas no caminho até o 13 de Maio. Os episódios abordados foram: o linchamento do delegado Joaquim Firmino, em Rio do Peixe, no ano de 1888; o funeral do abolicionista negro Luiz Gama, em São Paulo, em 1882; a revolta da Fazenda Castelo, de 1882, liderada por escravizados da região de Campinas, em 1882; as fugas em massa iniciadas em 1887 rumo ao Quilombo do Jabaquara; os últimos momentos da Abolição, entre eles a discussão no parlamento da Lei Áurea e a missa campal. Buscou-se fundamentalmente evidenciar outros protagonistas nessas lutas, em especial os escravizados. Assim, entre as questões principais do material estão:

A – A importância do passado e da memória.

B – O conhecimento de outros protagonistas nas lutas pela Abolição.

C – A compreensão de eventos e personagens centrais da década da Abolição, para além da assinatura da Lei Áurea pela princesa no 13 de Maio.

A partir dos eventos narrados na história de Luz e seus amigos, as estratégias sugeridas no uso do material são:

1 - Leitura da história com os alunos em sala. Peça que eles se atentem e anotem nomes, eventos e datas surgidas no texto, bem como palavras e conceitos que desconhecem.

2 - Pedir para que eles façam pesquisa dos eventos e personagens citados para discussão na aula seguinte. Assim como Luz, que ao voltar para o passado não entende bem os eventos a que assiste, os alunos devem fazer uma "investigação" para tentar descobrir mais sobre cada um dos eventos citados na história. A ideia é "montar um quebra-cabeça" sobre o processo da Abolição, vendo como cada um desses episódios contribuem nessas lutas e como se conectam entre si. É fundamental estimular os alunos

a fazer a pesquisa, para preencher as lacunas que a história propositalmente vai deixando, para que eles próprios possam, assim como o historiador, investigar, como detetives, o passado.

3 - Discutir em sala a obra e as pesquisas feitas. O professor pode estimular reflexões sobre:

a) Qual importância do conhecimento sobre o passado e da "consciência histórica";

b) Quais as nossas "máquinas do tempo" possíveis;

c) pode discutir um pouco mais cada um dos eventos surgidos na história, fazendo um levantamento do que os alunos encontraram sobre eles e quais impressões e informações eles passariam para Luz, para que ela compreendesse melhor o que estava vendo.

d) Que outros eventos eles gostariam de visitar ou falar sobre a temática abordada na história.

e) Passar aos alunos um questionário, como registro do que foi aprendido, organizando ideias, conectando temas, personagens e evento.

4 - Eventualmente pode se propor uma linha do tempo dos eventos da narrativa para observar como as disputas vão se acirrando e ganhando outras dimensões quanto mais se avança para o ano de 1888. A ideia não é uma cronologia simples, mas uma discussão sobre o acirramento das tensões do debate sobre o fim da escravidão com seus diferentes protagonistas e espaços de luta.

Bibliografia de apoio para professor

1 – **Sobre o linchamento de Joaquim Firmino**

O linchamento de Joaquim Firmino é um dos diversos linchamentos que ocorreram durante o fim da escravidão, seu linchamento foi o escolhido pois ele revela bastante não só sobre os linchamentos como também os mecanismos dos movimentos abolicionistas. Joaquim Firmino fora delegado Penha do Rio do Peixe (atualmente, Itapira) durante os anos finais do império, além de ser membro do movimento abolicionista.

Este episódio do linchamento tem suas particularidades, mas não é único. Linchamentos assim aconteceram e foram aumentando conforme o movimento

abolicionista foram fortalecendo. A maioria dos linchamentos ocorreram com ex-escravizados que recentemente conseguiram a alforria e/ou outros abolicionistas. Grande parte do movimento contrário à abolição foi violento e carregado por fazendeiros escravistas. Desses grupos reacionários, diversos eram alimentados por indivíduos vindos dos Estados Unidos após o fim da Confederação após sua derrota na guerra civil estadunidense, como fora o caso com Joaquim Firmino.

Joaquim era membro do movimento abolicionista e uma demonstração da popularidade do movimento ao fim da década.

Textos recomendados para o assunto:

APOLINÁRIO, Eric. **O Crime da Penha**: carnaval da brutalidade. São Paulo: Gregory, 2023.

PIROLA, R. F. A Lei de Lynch no ocaso da escravidão: linchamentos, justiça e polícia (1878-1888). In: Helen Osório; Regina Célia Lima Xavier. (Org.). Do tráfico ao pós-abolição Trabalho compulsório e livre e a luta por direitos sociais no Brasil. 1ed.São Leopoldo (RS): Oikos, 2018, v. 1, p. 454-481.

2 – Luiz Gama

Luiz Gama foi um jornalista, escritor e advogado abolicionista. Nascido em 1830 em Salvador, aos dez anos foi vendido como escravizado, levado para o Rio de Janeiro, depois revendido e retornando à Salvador. Aos 17 anos foge e convence as autoridades que ele é um homem livre por ser filho de uma mulher livre e conquista sua liberdade. Assim atinge sua maioridade ele se alistou na força pública de São Paulo, onde ele desenvolveu o seu pouco conhecimento de letras e se tornou oficialmente alfabetizado, pois ele ocupava a posição de copista.

Na década de 1850 ele começou sua jornada como escritor e na década seguinte ele se iniciara sua jornada no jornalismo em um jornal satírico Diabo Coxo. A partir deste trabalho, Luiz Gama iniciou-se o seu trabalho jornalístico em diversos outros jornais, utilizando de vários pseudônimos, o mais famoso sendo Orfeu de Carapinha. Na década seguinte, 1870, começou a atuar como advogado, apesar de sua formação informal, tendo apenas assistido algumas aulas na faculdade de direto, ele começou a atuar como advogado abolicionista defendendo a liberdade de diversas pessoas se apoiando na lei do ventre livre.

Seu trabalho o fez um grande nome entre os abolicionistas, o que fez de sua morte por diabetes em 1882 impactante. O seu velório ocorreu como descrito na obra, diversas

pessoas marcharam de sua casa até o cemitério, de diferentes classes sociais e todos a favor da abolição.

Textos recomendados para o assunto:

AZEVEDO, Elciene. **Orfeu de Carapinha**. A trajetória de Luiz Gama na imeprial cidade de São Paulo. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

AZEVEDO, Elciene. **O direito dos escravos**. Lutas jurídicas e abolicionismo em São Paulo. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

AZEVEDO, Elciene. 'Se negro sou, ou sou bode, pouco importa, o que isso pode?': inclusão e cidadania na pena de Luiz Gama. In: Ana Flávia Magalhães Pinto; Sidney Chalhoub. (Org.). **Pensadores negros, pensadoras negras**. Brasil século XIX e XX. 1ed.Cruz das Almas; Belo Horizonte: EDUFRB; Fino Traço, 2016, v. 11, p. 59-82.

CASTILLO, Lisa Earl; CASTILLO, Lisa Earl ; ALBUQUERQUE, W. . Família, insurgências e contravenções: memória e história de Luiz Gama na Bahia. AFROASIA, v. 71, p. 1-49, 2025;

GOMES, Flávio dos Santos; LAURIANO, Jaime; SCHWARCZ, Lilia Moritz (EDS.). Luiz Gama. *In*: **Enciclopédia Negra**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2021. p. 339–342;

PINTO, ANA FLÁVIA MAGALHÃES. Escritos de liberdade: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil Oitocentista. 1. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

3 – Revolta da Fazenda Castelo

A Revolta da Fazenda Castelo, liderada por Felipe Santiago foi uma das diversas revoltas escravistas que ocorreu no fim do século XIX. Como testemunhada por Luz, Felipe Santiago era um líder carismático com um cunho religioso fortíssimo em seu discurso. Porém esta revolta é uma de várias com outras diversas motivações. A motivação primária sempre foi o desejo pela liberdade, mas havia outros, como explicado no texto de Maria Helena Machado, e essas motivações se tornavam estratégicas para as revoltas, conectando os indivíduos na revolta e os animando para a revolta.

Felipe Santiago era um homem livre que já fora escravizado que já tinha histórico de fanatismo religioso, e uma de suas crenças era a da liberdade incondicional, e nos meses anteriores à revolta ele acumulou uma sequência de seguidores em diversas fazendas, tanto livres quanto escravizados. A Revolta do Castelo é uma demonstração da violência em que estas revoltas acometiam e como os fazendeiros escravistas desarmavam essas revoltas.

Textos recomendados para o assunto:

MACHADO, Maria Helena. Com dois te vejo, com cinco te prendo: Os escravos e suas estratégias de libertação. *In*: **O Plano e o Pânico: Os Movimentos Sociais na Década da Abolição**. Rio De Janeiro: Editora UFRJ, EDUSP, 1994. p. 91–127.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. (Org.). **Revoltas escravas no Brasil**. 1ed.São Paulo: COMPANHIA DAS LETRAS, 2021.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). **Dicionário da escravidão e liberdade**: 50 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

4 – Sobre a Abolição

Na obra, Luz se encontra na discussão inicial pela abolição, nesta discussão se viu um resumo dos pontos a favor e contrários ao fim da escravidão. Joaquim Nabuco é uma figura de grande importância para este processo sendo o delator da lei e um grande nome para a abolição como um todo, e ele preparou seu discurso de forma a agradar o público, pois naquele momento a maioria da população e do congresso apoiava a abolição. Os jornais da época apoiavam a narrativa pró-abolição com grande força, organizando mobilizações a favor da lei dentro e fora dos edifícios, como no dia 13 de Maio há frente do Largo do Paço no dia da assinatura da lei.

O movimento a favor da abolição foi lentamente se popularizando, com a maioria da população tendo uma opinião favorável à abolição conforme a década de 1880 foi se encerrando, mas ainda havia uma grande oposição das regiões agrárias do interior do país, mas a maioria dessa oposição era dos donos de fazenda que se beneficiariam diretamente com a manutenção do sistema escravista. Mas, mesmo com este movimento reacionário, a abolição estava em ponto de ebulição e a lei foi aprovada no momento mais oportuno possível.

A abolição foi um evento que foi uma culminação de vários esforços, como o do já dito Luiz Gama e de vários outros e resumi-la à apenas à Princesa Isabel assinando um documento é uma desfeita. Por conta disso é importante discutir o trabalho dos abolicionistas como um todo e os efeitos da abolição.

Textos recomendados para o assunto:

MENDONÇA, Joseli Nunes. **Cenas da abolição: Escravos e senhores no Parlamento e na Justiça**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2022;

MORAES, Renata Figueiredo. As festas da Abolição: o 13 de maio e seus significados no Rio de Janeiro. (1888-1908). Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2012.

5 – Sobre as festas da abolição

Como já dito, a promulgação da Lei Aurea fora um evento de grandes expectativas e as comemorações não desapontaram. Como apontado por Renata Figueiredo Moraes em seu texto, e brevemente referenciado logo acima, a imprensa teve grande importância neste movimento de celebração da abolição. Jornais, como o Jornal do Brasil* organizou uma série de festas antes, durante e depois a aprovação da lei, reunindo multidões na frente dos prédios do governo para celebrar a lei quando ainda estava em estágio de discussão.

A primeira e maior das celebrações fora a Missa Campal que ocorrera no dia 15 de maio. Organizada pela imprensa, esta missa ocorreu como uma forma de demonstrar a união do povo perante o movimento. “A missa inaugurando os festejos era uma forma de confirmar a sacralidade da abolição e também unir, sob um mesmo evento, o poder político, militar e religioso.” (MORAES, 2012, p.59). E por conta dessa união de poderes durante o evento pôde-se ver flamulas representando múltiplos movimentos e organizações de diversos cunhos, como: jornais, instituições religiosas, partidos políticos e outros países (como a bandeira argentina). Além disso há a presença de grandes figuras na missa, como a da Princesa Isabel, Machado de Assis e grandes nomes do abolicionismo, como Joaquim Nabuco.

Todos estes detalhes são perceptíveis na foto, mesma foto presente nos questionários e que Luz observa nos eventos da obra. Link para acesso à imagem: https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/1795

Textos recomendados para o assunto:

LIMA JUNIOR, Carlos. Imagem (re)velada: Sobre uma fotografia desconhecida da “Missa Campal 17 de maio 1888” no acervo do Musée Louis-Philippe, Castelo d’Eu. **Revista de História da Arte e da Cultura**, v. 6, n. 1, p. 55–88, 2025;

MORAES, Renata Figueiredo. As festas da Abolição: o 13 de maio e seus significados no Rio de Janeiro. (1888-1908). Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2012.

Perguntas sobre o texto:

1) Tal qual Luz, muitas vezes nos encontramos vivendo eventos históricos sem compreendê-los. Descreva em poucas linhas algum evento que você presenciou e acha que será histórico.

2) Qual o nome do movimento antiescravidão em que Joaquim Firmino, Luiz Gama e Joaquim Nabuco faziam parte? O que você sabe sobre ele?

3) Antes da aula e da leitura dessa história, o que você já sabia sobre as lutas pela abolição no Brasil?

4) Eric ajuda Casio e Luz a entenderem melhor para onde ir por conta da sua coleção de quais itens? Qual a importância desses itens para o entendimento da história e do passado?

5) Utilizando a biblioteca de sua escola e/ou a internet, pesquise cada um dos eventos Luz conhece ao presencia ao longo da história.

6) Faça uma linha do tempo com esses eventos e reflita sobre o que parece acontecer conforme as datas se aproximam do fim da escravidão, em maio de 1888.

7) Luz testemunhou o velório de Luiz Gama, viu uma enorme comoção, mas não entendeu quem ele era. Preencha essa lacuna de conhecimento de Luz e responda, de forma simples, quem era Luiz Gama e qual sua importância. Você já tinha ouvido falar dele? Pesquise sobre ele e descubra como ele ajudou escravizados a se libertarem.

8) Luz presenciou uma revolta e uma fuga de escravizados. Quais as semelhanças e quais as diferenças entre esses dois tipos de resistência?

9) Casio ao errar a data da abolição por conta de seu sono, envia Luz não para o dia da abolição, mas sim para o dia em que a lei foi discutida no parlamento. Quais foram os pontos da oposição à passagem da lei áurea? E quais foram os a favor? Pesquise sobre isso para ver o que descobre sobre esse dia.

10) Abaixo há uma imagem do Largo do Paço (de onde Princesa Isabel governava), após a assinatura da Lei Áurea. Se Luz tivesse viajado para este momento, o que você acha que ela faria?

Figura 1: Antonio Luiz Ferreira, Depois da Assinatura do decreto, 19 x 24,5 cm, 1888 (LAGO, Pedro e Bia Corrêa. Coleção Princesa Isabel, p. 303) apud MORAES, 2012, p.42

11) Luz descreve dias anteriores e próximos à abolição como dias movimentados e animados. Vendo a imagem acima do dia em que a lei foi assinada, explique o motivo para tamanha exaltação.

12) Muitas das informações que Luz consegue são retiradas de jornais que ela encontra no caminho, inclusive no dia da missa campal, onde um jornal anunciava a celebração e outro celebrava a abolição. Com apoio da biblioteca e da internet, pesquise a importância dos jornais nessa época e o papel deles na abolição.

13) Abaixo está a imagem da missa campal que Eric mostrou à Luz. Observe a imagem e conte o que vê nela e como contaria, com suas palavras, como foi esse dia de festa.

Figura 2: Antônio Luiz Ferreira. Missa campal celebrada em ação de graças pela Abolição da Escravatura no Brasil, 1888. São Cristóvão, Rio de Janeiro. / Acervo IMS

Para acessar essa imagem e ver em detalhes os que aparecem nela, acesse o link logo em seguida:

Link da foto:
https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?page_id=736

Ao dar zoom no palco, onde está a princesa, você reconhece algum personagem ou figura importante da história do Brasil?

14) Na foto acima vemos diversas bandeiras, flamulas e estandartes. Nelas estavam símbolos de instituições que trabalharam e lutaram pelo fim da escravidão. Como que estas instituições trabalharam para que a abolição ocorresse?

15) Qual é a importância da história para o nosso mundo? Na sua opinião, por que a história foi banida no futuro da história?

16) Se você tivesse uma máquina do tempo, para que período você viajaria? Por quê?

Glossário:

Torpe: Que causa nojo; que é nojento; asqueroso.

Xenofobia: Preconceito com outra pessoa por ser de um lugar diferente. Se julgar superior ao outro pelo seu lugar nascença.